

BOLETIM
Formação em Psicanálise

Ano I
Volume IV
Outubro/Novembro
1992

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA MADRE CRISTINA

09 OUT 2003

TOMBO Nº 2202

2x.1



BOLETIM

FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

ANO I
VOLUME IV
OUT/NOV

1992

122

I EDITORIA L:

II INFORMES:

Cotidiano:Pg. 2

Curso:Pg. 2

Leituras:

Para Emir Tomazelli.....Pg. 2
Durval Mazei N. Filho

"Ler" Melanie Klein Hoje.....Pg. 2
Oscar Miguelez

III ARTIGOS:

Algumas notas sobre as formas
passionais do conhecimento.....Pg. 4
Emir Tomazelli

Poder da fala do poder
A fala do poder da fala.....Pg. 15
Mario Lúcio Alves Batista



I - EDITORIAL

Vimos que um passo importante no sentido da dessacralização da palavra, na Grécia anterior ao século VI, foi a constituição da palavra-diálogo por parte da comunidade dos guerreiros. Enquanto a palavra sagrada do poeta-profeta-vidente era portadora de uma alétheia divina que se expressava de forma oracular e que dependia de dons sobrenaturais, a palavra-diálogo através da qual a comunidade dos guerreiros tratava dos assuntos relativos às estratégias de combate ou à repartição do butim, possuía características próprias e mantinha uma prudente distância em relação à palavra sagrada.

Quando os guerreiros se reuniam em assembléia e um deles tomava a palavra, seu objetivo não era a alétheia, mas a persuasão (peithô). A questão da verdade não habitava o espaço circular das assembléias guerreiras. A característica principal dessa palavra era a igualdade, isto é, o fato de que nas assembléias a palavra de todos tinha igual valor. Não devemos, porém, nos iludir quanto ao caráter democrático da palavra-diálogo do guerreiro. Ela é igual apenas no interior da comunidade guerreira. Trata-se, tal como na palavra sagrada, de uma palavra institucionalizada e não de uma palavra que, por sua característica igualitária, poderia ser chamada de palavra comum. Esta última, enquanto palavra que atendia às necessidades de comunicação no interior do social, não tinha lugar nas assembléias dos guerreiros. O guerreiro trocava com seus semelhantes, e seus semelhantes eram apenas aqueles que tomavam parte nos combates. No entanto, essa

palavra era portadora de características que faziam dela o primeiro passo na direção de uma palavra-diálogo de dimensão social mais abrangente. Sua secularização, sua estreita vinculação à ação, seu caráter igualitário e sua inscrição temporal são características que vamos encontrar presentes num dos mais importantes movimentos contemporâneos ao surgimento da cidade grega: a sofística. "PALAVRA E VERDADE".

L.A. Garcia-Roza.

Cumprindo a nossa tarefa de manter e dar seguimento a este espaço aberto, onde o dom da palavra escrita é facultada aos interessados, estamos escrevendo mais um boletim. É interessante o termo "dom da palavra escrita". Que tipo de palavra estará implícita nesta colocação. Logicamente o sentido da palavra vai depender da filosofia na qual a mesma está inserida. A palavra quando foi inicialmente empregada tinha um sentido direto unívoco e era portadora de uma verdade absoluta. Muito tempo se passou para que ela chegasse a condição atual. Muito tempo foi necessário para que ela entre nós começasse a alcançar este sentido atual, porém isto não quer dizer que hoje em dia ela não seja mais usada como nas suas formas originais. Basta que para isto apareçam ouvidos para tais palavras. No entanto, a partir do momento que alguns ouvidos se negaram a ouvi-las, esta palavra-coisa-verdade teve necessariamente de sucumbir ao seu anacronismo e se retirar de cena deixando em seu lugar um palavra-diálogo de dimensão social e de caráter igualitário, que possa estimular o livre comércio de troca entre os sujeitos.

Achamos que o uso da palavra com estas características, que foram inauguradas pelos guerreiros e depois aprimoradas pelo sofistas e estoicos, funda a subjetividade e a circulação do saber é da memória, numa via de dupla mão, fazendo com que possamos construir algo em comum.

Comissão Editorial

II - INFORMES

Cotidiano

O Curso de Formação em Psicanálise realizou com sucesso as atividades programadas pela Comissão de Eventos para o bimestre outubro-novembro, preparando-se para o término do ano.

Neste último bimestre integrou-se à equipe de professores do 3º ano, por solicitação destes e com aprovação da assembléia de docentes, a professora Maria Beatriz Romano de Godoy.

Para o ano de 1993, o 3º ano contará também com a colaboração do professor Gilberto Safra.

Um grupo de docentes e de formados pelo Curso Formação em Psicanálise vem se reunindo cada 15 dias para estudar textos psicanalítico da autora Silvia Bleichmar, visando o evento no próximo semestre, onde a autora em pauta virá administrar conferências, seminários e supervisão.

LEITURAS

Para Emir Tomazelli

Emir, demorei para receber o boletim. Ao folheá-lo, fiquei absolutamente alegre ao ver o seu texto dedicado/dirigido a mim.

Eu havia me decepcionado ao vê-lo ausente da minha conferência para o Curso de Formação. Ausência e silêncio. Faz algum tempo, desde nossa ação no CEPSI, que não conversávamos.

Este retorno ao diálogo, me deixou feliz. E, talvez pela marca lacaniana, a embriaguez da felicidade de pronto foi substituída por perguntas. Qual a causa do texto? De onde ele fala? O que me pede? Por onde respondo? Está impresso lá o meu nome, tributo essencial de minha parte no Outro. É o nome que foi dado. Situado ao mesmo tempo no coração de meu ser e no lugar mais fora de mim pois resulta do desejo de outros dizendo algo do desejo do Outro. E, Emir, acreditei que não foi feito um pedido ao psicanalista, mas a algo da ordem do meu saber. O privilégio, portanto, é ao registro do imaginário. À presença presente. Talvez, uma tradução do seu "tai", apesar da sua frase ter sido "aquele que não está presente, mas

tai".

Não é um jogo de palavras que estou fazendo. E vai aí uma frase que talvez você goste: buraco é mais embaixo. A maneira que eu escrevi acima indica- uma discussão interessante- que a diferença entre o kleiniano e o lacaniano não é de simples filigranas nem versões levemente distintas de um poema nepalês. São recortes radicalmente diferentes do Real. Um lacaniano diria direto "aquele que está aí" para falar do corpo. Mas, qual a verdade deste "aquele que está aí"? Você deve saber que, em Lacan, verdade, realidade, saber e conhecimento não são a mesma coisa e nem são articulados linearmente. Algo como o enunciado a seguir: o saber verdadeiro deriva-se da realidade e elabora um conhecimento transformador, não é em nada lacaniana. A frase lacaniana eu falo no bar.

Agora, tem um ponto onde você se engana redondamente. Quando caracteriza o Simbólico como puro, angelical e higiênico. Peço a você recordar que Lacan retoma justamente o caráter pestilento da Psicanálise. Na posterioridade, vê com ironia o dito de Freud a Jung quando aportam nos E.U.A.: "Eles não sabem que trazemos a peste". Os dois que o ouviram, Jung e os americanos, trataram de desinfetá-la. Viu, Emir, o Simbólico não é nem puro, nem angelical, nem higiênico. É uma função. Uma alça entre as três do nó borromeano. Nó em torno do objeto a causa do desejo. Repito aqui a irônica frase de Mick Jagger ao referir-se ao virtuoso casamento do Woody Allen. Este teria feito os casamentos do mundo do Rock uma pureza.

Por outro lado, Emir, nossa função tem algo de sagrado e santificado sim. Lacan também disse isso "O psicanalista há de ser um santo". Freud enunciou de outra forma: "sejamos abstinentes". Certas tentações o psicanalista há de afastar. Seja a de fazer-se Ego. Seja a de fazer-se Outro. Seja a de fazer-se desejo de Carne.

Durval Mazzei Nogueira Filho

setembro/1992.

"LER" M. KLEIN HOJE

Oscar Migueles

Prof. do Curso de Formação em Psicanálise

do Instituto Sedes Sapientiae

Como pensar a proposta de Melanie Klein de um Super-Ego primitivo hoje?⁽¹⁾

Sessenta anos passaram-se desde a publicação de "Psicanálise de crianças", onde a questão das fases primitivas do Complexo Edípico e do Super-Ego foi colocada por primeira vez.

A leitura do artigo " Primeiros estágios do Complexo Edípico e da formação do Super-Ego" não deixa de nos surpreender. Não tanto pela ousadia de suas " novas" propostas, hoje clássicas, pilares de uma teorização que fez escola. Impacta a vigência das perguntas que a autora se coloca orientadas em geral em torno da questão da destrutividade e da origem do psiquismo humano.

A leitura desse texto não se apresenta como um questionamento das hipóteses freudianas. Ao contrário, é mais que nada um surgimento de um " antes" que pretende completar o que virá " depois" e que já tinha sido descrito por Freud. Um " antes" do desejo amoroso, um " antes que marca a existência de um outro universo, de um outro espaço, que a autora insiste em colocar como aberto pelo próprio Freud e inexplorado por ele.

Se tomamos o Édipo, tal como Freud o propõe, como lugar de cruzamento da experiência singular e subjetiva com o universal da cultura; se pensamos que a problemática ligada ao Super-Ego marca na Psicanálise o mandato cultural universal se encarna numa história singular: Será este espaço novo proposto por Melanie Klein carente de toda Lei? O espaço em questão é um antes da Lei?

Durante muitos anos, a originalidade do pensamento kleiniano foi defendida apoiando-se nesse " antes" do desenvolvimento como se a autora tivesse chegado a um conhecimento mais profundo, de estados primitivos da mente, que Freud supostamente não teria teorizado.⁽²⁾

O mesmo aconteceu com a análise da destrutividade, que ao dizer de alguns, tinha passado inadvertida até então.⁽³⁾

Estas " defesas" de escola contribuíram para criar um imaginário de " profundidade", que associado a um uso da clínica como argumento (em especial de crianças pequenas), fizeram que a teorização

kleiniana se difundisse com rapidez.

Esses imaginários criaram, também, obstáculos às vezes intransponíveis a um diálogo entre analistas (kleinianos e os chamados freudianos). A isto se acrescenta que, em Londres, o grupo " freudiano" foi liderado por Anna Freud, com a qual a autora sustentou uma polêmica hoje histórica. Ou Klein ou Freud: a escolha pareceu ser obrigatória.

A discussão das idéias de Melanie Klein ficou muitas vezes restrita ao âmbito de seus " seguradores", objeto de estudo daqueles que aderiram aos princípios de " escola" e que passaram a se chamar assim " kleinianos".

Pensar o pensamento de Melanie Klein, assim como pensar o pensamento de Lacan, constitui uma aventura, um desafio, muito especialmente se feito por fora das bitolas de filiação de escola.

Retomando a pergunta: o espaço aberto por Melanie Klein é carente de toda Lei?

A proposta de um Super-Ego primitivo pareceria sugerir que não se trata de afirmar a inexistência de uma Lei, senão de uma mudança no conteúdo do proibido, com se um " não matarás", ou melhor um " não te matarás", fosse a condição necessária para qualquer sistema de proibições.

O surgimento desse Super-Ego é descrito por Melanie Klein como a instalação de um perseguidor no psiquismo, que operaria como uma barreira que bloquearia a auto-destruição. Interditar a auto-destruição é a função primeira desse Super-Ego primitivo.

Diz Melanie Klein:

"Parece-me que o Ego tem um outro meio de dominar os impulsos destrutivos, ainda aderidos ao organismo. Pode mobilizar parte deles como uma defesa contra a outra parte. Deste modo, o Id sofrerá uma divisão que, acredito, é o primeiro passo para a formação das inibições instintivas e do Super-Ego, o qual pode ser similar à repressão primária".

Repressão Primária, diz Melanie Klein. Primário ou originário ("Ur" em alemão), prefixo que Freud juntou também a outras palavras: narcisismo, identificação, fantasia. Termos com os quais tentava dar conta da origem do psiquismo, desse lugar do "antes" que tanto interessou a M. Klein.

Sabemos quanto a noção de inveja fez-se um dos

eixos centrais da teoria da destrutividade, que Melanie Klein elaborou. A respeito diz em "Inveja e Gratidão":

"Existem razões psicológicas muito pertinentes que explicam por que a inveja se encontra entre os sete pecados mortais. Eu sugeri, também, que inconscientemente é percebido como o maior pecado de todos porque ataca e dana o objeto bom, fonte de vida".

Será também "inconscientemente" que M. Klein articula a inveja com os sete pecados capitais?

A destruição pode ser ou não o eixo do conflito humano (pecado maior ou pecado a mais), mas ela deve ser barrada, sua interdição forma parte de um sistema de proibições (pecados) que marcam esse cruzamento com a Cultura que Freud teorizou a partir do mito edípico.

Que o Pai da Horda Primitiva não tenha convencido Melanie Klein para desenvolver seu próprio pensamento. Que ela tenha preferido outros caminhos (a do Super-Ego primitivo, por exemplo), não desmerece em nada o problema levantado, válido até hoje.

Desde uma perspectiva diferente, o Lacanismo recupera o tema. Sabemos que a problemática do ideal é retomada por Lacan a partir do que ele chama significante "senhor", "amo". Mas diz Jacques-Alain Miller:

"O significante "senhor" não soluciona o paradoxo do gozo".

"O gozo como nó da pulsão de morte e da libido fez do sadismo um fenômeno subsidiário. Não é a agressão ao outro o essencial em Lacan, isto tem seu lugar no narcisismo especular, o fundamental é que quando goza, o sujeito se destrói a si mesmo, que o gozo em si mesmo é uma destruição..."

Será que Melanie Klein começou pensando o gozo?

Melanie Klein confiava no papel normalizante do amor, embora sempre ameaçado pela inveja.

Freud queria acreditar no projeto da Cultura, apesar do mal-estar por ela criado.

Lacan, depois de centrar a Psicanálise no contexto de uma teoria da linguagem (significante), vê-se obrigado a introduzir o gozo, esse "plus", esse nó entre a pulsão de morte e a libido, como diz

J.A.Miller, com a qual pensar a auto-destrutividade.

A destrutividade humana encontra-se hoje, mais que nunca, no centro de nosso pensar. Trata-se de um desses assuntos "familiares" e "estranhos". Quanto mais acreditamos dominá-la com nosso pensar, mais se escapa pela porta dos fundos. Nesse sentido, com os limites que uma época impõe a um pensamento, a obra de Melanie Klein é um bom exemplo desse movimento de captura e perda.

Referências

(1) O presente trabalho é fruto de um intercâmbio no "seio" do grupo Formação em Psicanálise do Sedes, sobre o tema da Pulsão de Morte. Tem como destinatários especiais Emir, Suzana e Maria Luiza.

(2) A respeito Oscar Miguez. "A agressividade em Freud" (texto preparado para os alunos do segundo ano do Sedes).

(3) No prefácio à edição castelhana das Obras Completas de M. Klein, León Grinberg diz: "Sus conceptos y la aplicación de los mismos, difieren de las teorías psicoanalíticas tradicionales, sobre todo en lo concerniente a la cronología del desarrollo psíquico del niño y a las características de su mundo interno.

(4) Melanie Klein: he Psycho-analysis - of. children. Hogarth Press soudoir (trad. Livre).

(5) Melanie Klein: Obras Completas. Vol. 6 - pg. 28 Buenos Aires. Paidós. 1977 (Tradução livre).

(6) Jacques- Alain Miller: Lógicas de la vida amorosa pg. 47 Buenos Aires manantial. 1991 (tradução livre).

(7) Jacques- Alain Miller: Lógicas de la vida amorosa pg. 124, Buenos Aires Manantial. 1991 (tradução livre).

(8) Ver a respeito: Eric Laurent- Concepciones de la cura en psicoanálisis. Buenos Aires Manantial. 1984.

ARTIGOS

ALGUMAS NOTAS SOBRE AS FORMAS PASSIONAIS DO CONHECIMENTO

EMIR TOMAZELLI

Professor do Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

OBSERVAÇÃO PRELIMINAR

Este trabalho tem por objetivo responder a

algumas das questões levantadas nas reuniões do grupo de professores - deste ano de 1992 - onde se debateu, mais uma vez, os pontos de distância e contato entre Freud e Klein.

O contexto teórico foi o da "pulsão de morte". Pretexto consciente e objeto de grande polêmica entre nós, nos conduziu diretamente às questões latentes da filiação e da postura clínica. Enfim, nos conduziu para aquilo que hoje se nomeia ética.

A sombra da grande erudição de Lacan esteve presente nas discussões. Neste sentido ele é valorizado ao longo do texto como um interlocutor que respeitamos mas sobre quem é conveniente marcar alguns pontos de limite.

No texto, avaliamos ainda, que seria oportuno deixar evidente a nossa intenção de trabalho. Estamos em busca de uma metapsicologia. Estamos interessados em uma epistemologia contemporânea dos problemas levantados pela tradição kleiniana.

Talvez, os sinais do esforço de conciliação dificultem a compreensão e a leitura. São os vestígios das tensões que as oposições teóricas comportam. Talvez, aqui tenhamos a oportunidade para elaborar nosso percurso e nossa história institucional fazendo um texto, uma fala: este texto, esta fala. De nossa parte também consideramos este o momento propício para tentar trabalhar um tema difícil. Talvez este seja o kairós, uma "agoridade" capaz de movimento que nos leve e faça evoluir.

I- INTRODUÇÃO: EM DEFESA DE UM CERTO IMAGINÁRIO - O CORPO

Conceitos como cognição, razão, lógica, álgebra, matemática são ações psíquicas que criam, ao redor dos acontecimentos, uma atmosfera específica. Criam um sentimento específico de ausência, de estranhamento. Criam, em última instância o ambiente necessário, a experiência de conhecimento.

Temos, assim, a construção de um envoltório, de uma área onde se vive sob a proteção do já conhecido, do já sabido: a proteção do classificado, do categorizado, do domesticado com o qual se pode elaborar e conhecer a vida.

Sob a proteção dos operadores do conhecimento repousa todo nosso espírito científico porém não é aí onde reside nossa calma. De qualquer forma dominar a natureza com a razão, cria a possibilidade de acalmar nossos espíritos, dominar nossas ações, domar um "algo" passional que nos arrasta para as beiradas marginais, para os limites das possibilidades últimas do pensamento.

Há um exemplo desta idéia em um texto de Olgária Matos:

"O impulso à autoconservação nasce do medo mítico de perder o próprio eu, medo da morte e da destruição, que se manifesta em toda circunstância que determina sua diminuição ou opressão, gerando um recolhimento egocêntrico do sujeito sobre si mesmo. O eu se torna tão importante para si que tudo o que lhe é exterior, outro em relação a si, não tem valor nenhum a não ser um, negativo: o outro é visto como hostil, perigoso e devendo ser dominado. Para tanto mito e ciência têm procedimentos diversos: no mito, o recurso ao mimetismo; na ciência, à identidade. No mito, graças ao mimetismo, um diálogo comunicativo entre o homem e a natureza exterior que o ameaça é possível. O feiticeiro - pela imitação das forças naturais - realiza gestos de cólera ou apaziguamento para conter sua angústia frente ao desconhecido. Na ciência, acredita-se vencer o medo quando nada mais houver de ignoto, de estranho. A ciência se reporta a uma natureza não mais qualitativa e animada, mas quantitativa e formalizada. O mito antropomorfiza a natureza, a ciência a objetiva para dominá-la intelectualmente, para reduzi-la à dimensão do mesmo - o sujeito. A alteridade é negada porque a simples existência do outro é a fonte genuína da angústia".

Proponho estas primeiras conjecturas como modo de me aproximar do problema, e o problema é o da cognição e sua relação com as organizações inconscientes. À luz do pensamento kleiniano estas organizações funcionam como paredes que repelem todo o saber que deve ser construído pois trabalham com o novo do cotidiano como se fosse uma realidade já conhecida e - o que é pior - a única a ser sempre repetida. Veja-se também os conceitos freudianos em "Além do princípio de prazer". Lá a repetição

é a parente da morte, parente do que não tem sentido e se recusa a adquirir um. No inconsciente não haveria o quê, nem porquê se aprender, tudo já está dado de antemão. Com isto acabo percebendo que há uma tendência em minha forma de pensar que equivaleria a dizer:

A percepção, isto é, o sistema que qualifica a experiência vivida, é ele próprio, a superfície e o fundo do mundo inconsciente. Perceber é estar abandonado ao trabalho ininterrupto de películas sucessivas de códigos, de películas sucessivas de linguagem e fantasia que se formam ao longo desse tempo que nominamos tempo de vida. Elas se interpenetram, se confundem, se destroem e se recriam numa infatigável produção de ilusões, de verdades, de decepções, de lógicas. Porém, perceber também é reconhecer e, mais que isto, é poder repetir para identificar e não para não perceber. No entanto perceber, repetir e reconhecer é, além disto, estar apto a suportar o trabalho das vísceras, é estar apto ao trabalho destes sistemas defensivos que são as primeiras palavras do corpo.

Esta é a hipótese que está aqui em construção. É nela onde deve poder ficar mais claro o problema com o qual me disponho a trabalhar, chamando a atenção para a relação entre corpo e cognição do ponto de vista imaginário. Poderia dizer que em mim há um fascínio, um encantamento especial pela imagem, pela imaginação, pela captura corporal do simbólico e pela verdade formal impregnada da sensorialidade que o corpo encerra.

O título já apresenta de modo explícito uma tendência: nos dias de hoje temos negligenciado - em nome de uma hierarquia de valores que tem no simbólico seu representante máximo - o corpo, o imaginário, o mito e os sinais viscerais como se estes dissessem menos quando confrontados com a precisão algébrica do símbolo. Temo que aí haja um grande equívoco, e, é tentando recuperar a valorização do imaginário que me agrada falar.

Pode parecer que aqui se esboça uma contradição, uma vez que o domínio da cognição é privilegiadamente o domínio do símbolo, da idéia; campo que busca - sempre que possível - evitar os efeitos falsificadores das informações perceptivas não mediadas, e, também, evitar os efeitos ilusórios da pregnância da afetividade

sobre a idéia, a pregnância da paixão. Esta paixão se apresenta como um fascínio que descentra o sujeito humano do seu mundo racional. Furta do homem a possibilidade calma de se recolher na perfeição da idéia. De qualquer forma, é ainda no espaço mais sujo da construção da inteligência - o corpo, o imaginário e o mito - que minha prática tem me sugerido pesquisar a palavra insensata da razão. Sua insensatez engendra a loucura fascinante da ilusão, do engano, da des-razão: o pensamento produzido pelas vísceras.

Num certo sentido é o imaginário que inventa o simbólico e afirma que ele é a parte da imaginação mais bela, é seu gesto mais exato, e isto pode vir a ser uma verdade mais forte que a imagem. Em outras palavras o corpo ama a idéia e necessita parecer-se com ela. Produzir com os arames do símbolo a coerência e com eles construir a lógica, pode permitir uma certa segurança e uma certa aflição. Aguardar o encontro justo e seguro com a finitude do corpo é o alvo, esta é uma lógica da qual a corporeidade não abre mão e talvez seja o maior sofrimento do espírito. Neste sentido, vou preferir a morte - e com ela a violência - para referendar meu trabalho com os aspectos inferiores e degradáveis do símbolo. Eles se destinam ao consumo autofágico, ao consumo narcísico, ao descartável. Estão mais próximos do mal, estão mais próximos do nada. A nobreza do símbolo é perene e coletiva em sua punjança matemática, é supra-individual e se assemelha às divindades supremas. O diabo, como se sabe, mora nos detalhes... sempre nos escapa.

Nos últimos tempos, meu interesse tem estado ligado a uma leitura psicanalítica dos problemas da cognição e, mais especificamente, a uma leitura kleiniana ou visceral do conhecimento. A cognição em Freud não ocupa muito de sua obra, mas, os poucos artigos que abordam este tema são muito fecundos e de uma profundidade ímpar. Aqueles que posso lembrar no momento são "O projeto de uma psicologia para neurólogos", de 1895, e o belíssimo artigo "Die Verneinung" (A negativa) de 1925. Este último recebeu uma atenção especial de Jean Hyppolite, em uma apresentação genial por ele feita e reproduzida nos "Ecrits" de Lacan. De qualquer forma, mesmo que neles se conserve uma obscuridade particular dos ensaios filosóficos ou dos excessos positivistas, muitas vezes presentes nos textos

freudianos, são todos eles textos muito importantes e úteis para todos os profissionais que trabalham com os problemas do pensamento, da percepção, da ação (motricidade), do aprendizado e, também para aqueles que trabalham no espaço da doença mental grave, principalmente naquilo que se refere à psicose.

Nessas andanças em busca de maiores referências teóricas para resgatar de modo perene e direto o valor da força imaginativa do homem, deparei-me com Melanie Klein e com suas áridas construções teóricas escondidas e submersas num amontoado confuso de evidências clínicas e discussões teóricas, feitas sem o cuidado discursivo freudiano ou "científico". No entanto, elas criavam-me uma enorme fascinação e curiosidade, uma vez que se abriam para um universo que sempre me pareceu extraordinário e que só havia tomado forma de pensamento consciente quando li Walter Benjamin e Gaston Bachelard. Me refiro especificamente aos conceitos de "narrador" em Benjamin e à discussão sobre a importância do "fogo" e da "razão" em Bachelard. O acréscimo, que eu diria neste contexto ser mais kleiniano, seria o aspecto noturno da razão. A idéia da noite, não só como sonho, ou, da noite como conversa ao pé do lume. Diria ser a noite, em Klein, povoada por uma luminosidade amorfa e profundamente tensa, capaz de construir com palavras de absoluta cotidianidade efeitos que insistem em nomear o inefável. Nela, o que se experimenta é levar este atrevimento às raias do absurdo, formulando a primeira noção do "desejo de conhecer" como uma identificação brutal com a figura corporal da mãe, totalmente dilacerada em seu interior, no interior da memória da criança. Mãe brutalmente invadida por ela, que se apossaria dessa identidade materna na esperança de livrar-se da profunda dor da experiência de ignorância. Aqui teríamos a mímica vertiginosa da cópia e não a identidade adquirida pelo reconhecimento.

"Este sentimento precoce de não saber tem múltiplas conexões; une-se ao sentimento de ser incapaz, impotente, o que logo resulta da situação edípica. A criança também sente esta frustração de forma mais aguda, porque não sabe nada definido sobre os processos sexuais. Em ambos os sexos o complexo de castração é acentuado por este sentimento de ignorância.

Esta primeira conexão entre o impulso epistemofílico e o sadismo é muito importante para todo o desenvolvimento mental. Este instinto, é ativado pelo surgimento das tendências edípicas, está a princípio principalmente relacionado com o corpo da mãe, que se supõe ser o palco de todos os processos e desenvolvimentos sexuais. A criança está ainda dominada pela situação sádico-anal da libido, que a impele a desejar apropriar-se dos conteúdos do corpo. Deste modo, começa ter a curiosidade pelo que contém, como é, etc. Assim, o instinto epistemofílico e o desejo de tomar posse chegaram logo a estar intimamente ligados um com o outro e, ao mesmo tempo, com o sentimento de culpa provocado pelo incipiente complexo edípico. Esta significativa conexão anuncia, em ambos os sexos, uma fase de desenvolvimento de importância vital, que até agora não tem sido suficientemente reconhecida. Consiste numa identificação muito precoce com a mãe." ⁽⁴⁾ (grifos de M. Klein).

Esta é a referência importante a ser resgatada, a referência que julgamos mais passional e que também cremos ser aquela que deva receber uma valorização mais ativa pois era necessário que diante do paradoxo criado pela psicanálise, de colocar razão, de construir uma explicação plausível, para um mundo que a própria psicanálise dizia inexplicável... Era necessário recuperar o Lévi-Strauss que havia desaparecido diante da acuidade algébrica do seu próprio estruturalismo assumido por Lacan e re-trabalhado por ele de modo exemplar... Era necessário que, diante da incisão lingüística feita na rede entretecida pelo significante-significado, uma gota de sangue pudesse ser sempre bem visível... Era necessário que alguém pudesse resgatar os poderes bruxos de uma outra teoria psicanalítica - a kleiniana - e recolocá-los, aí sim, diante das temperaturas brandas da razão para poder pensá-los. Tentar fazer das palavras que profanam a quietude assustadora e grandiosa do inefável, palavras que pudessem servir como narrativa e ninho para o nascimento de mais um espaço de acolhimento de um novo mito. Porém, este mito envelheceu inesperadamente, diante da

4. - Chauí, M. - "O Discurso Competente". in "Cultura e Democracia." São Paulo: Editora Moderna, 1981. p. 3.

lógica fria e irrefutável da letra.⁽⁵⁾ É isto o que lastimamos e queremos resgatar, para melhor compreender o encontro do sujeito com o objeto.

Se, por ventura, esta minha leitura sobre o valor do símbolo no estruturalismo puder estar equivocada, eu me alegro. Ficaria mais satisfeito ainda se pudéssemos pensar, não em uma hierarquia do poder do símbolo sobre o imaginário, mas sim em uma multiplicidade de mediadores que só poderiam se integrar quando o humano fosse capaz de suportar e reconhecer todas as categorias de linguagem que o recobrem. São milhares de sistemas-semânticos que se cruzam e se recortam, tem autonomia e já são capazes de vida própria e comunicação entre si. Vale dizer, como já foi dito à exaustão, são os sistemas que nos falam; nós, depois de oferecermos a matéria-prima para sua confecção, lhes perdemos o controle e assim nos transformamos em seres apaixonados, a mercê dessas línguas que nos lambem. No entanto é no corpo onde se encontra um porto-seguro, um local de retorno: "É o corpo que faz sinal. É o corpo que faz sentido."⁽⁶⁾

É aqui, precisamente nesta vereda, onde quero, ou onde necessito da presença do corpo e de sua organização muscular e de suas vísceras. Necessito de sua lógica sensorio-motora para afirmar que sem ela não há língua nem tampouco linguagem que possa aportar alguma quietude ao ser psíquico que se está formando. Por outro lado, ainda diria que os esquemas lógicos, próprios do bios (a biológica!) e aqueles do objeto formam um tecido que está verdadeiramente expresso na ação: o movimento ordenado do corpo é um sinal desta lógica. Porém necessito de sua língua primária para saber da fala que fala das qualidades destas ações, e, simultaneamente as perturbam emprestando-lhes significados muitas vezes inconvenientes.

A ação, ou melhor, toda ação pede aplicação. Ela exige um objeto, não vive sem ele. Sem o objeto a ação não se constrói e sem o objeto a ação perde seu poder ontológico: é espasmo e descarga. Este conhecimento, no campo kleiniano, se constrói com o recurso da mimese, da cópia, e no momento da petrificação identitária do primeiro encontro e do primeiro pânico forma o primeiro olhar, a primeira forma de ver e de invejar. Estar

identificado com sua mãe, para o bebê é um momento de conhecer e reconhecer: é, adquirindo uma semelhança com a forma psíquica do feminino que forjamos a primeira maneira que nos assegura uma unidade de saber. Porém, assim procedendo, forjamos as imagens que nos iludem, a experiência de estranhamento e uma identidade que nos despersonaliza.

Para Melanie Klein é no corpo da mãe, e mais especialmente na descoberta fantástica da existência de seu ventre, que uma cena psíquica qualquer pode receber um valor de ancestralidade mítica. O mito e só o mito, é que pode organizar a função desse espaço sagrado transformando em observável⁽⁷⁾ aquilo que poderia ser sem nenhum sentido:

"É, com efeito, no mito que melhor se aprende, ao vivo o conluio dos postulados mais secretos, mais mordazes, do psiquismo individual e das pressões mais imperativas e perturbadoras da existência social".⁽⁸⁾

Além disto, é no mito onde a afetividade humana toma um formato narrativo:

"parece, com efeito, que a sintaxe da mitologia

5. - Cassirer, E. - "Lenguaje y Mito. Sobre el Problema de los Nombres de los Dioses". in "Essencia e Efecto del

Concepto de Signo." México: Fondo de Cultura Económica. p. 77. 1975. Também em tradução brasileira: "Linguagem e Mito" São Paulo: Editora Perspectiva. 1972.

6. - "Filosofia de las Formas Simbólicas" México: Fondo de Cultura Económica. Vol III p. 76. 1972.

7. - Herrmann, F. - "Desejo, Representação e a Clínica da Crença." in "Clínica Psicanalítica: A Arte da Interpretação." São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p. 123.

8. - Jakobson, R. - "Linguística e Poética" - publicado originalmente em "Style in Language", org. por Thomas A.

Sebeok. Nova Iorque, M.I.T., 1960. - in "Linguística e Comunicação", 2ª Edição, Revista, Editora Cultrix Ltda, São Paulo, 1969, tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes, p. 15; 10ª edição, Editora Cultrix Ltda, São Paulo, tradução idem, sem data, p. 118

comporta uma organização perspectiva através de diversos níveis da afetividade" ⁽⁹⁾, e ainda "o aspecto antropomórfico de um elemento parece, de fato, estar na origem de sua ação sobre a afetividade humana". ⁽¹⁰⁾

Desta maneira é o corpo que oferece a experiência de descarga, a experiência de afeto. O objeto oferece seu nome. Afeto e objeto nomeiam o corpo duas vezes; corpo onde a valorização mítica ganha a forma de paixão. Sem ela o símbolo se desmancha e perde o sentido: o corpo é, em última análise aquilo que resta da palavra, seria para nós aquilo que Platão foi para Sócrates, sua escrita: o corpo é nossa escrita. É assim que, forjadas como escritas, as palavras ganham realidade histórica e passional uma vez que adquirem corpo e com ele movimento, ação. É assim que, contido pelo mito, o corpo do bebê não se derrama no corpo da mãe e nele desaparece. Só na vontade narrativa da mãe é que seu bebê pode voltar vivo do mergulho que ele fez em seu ventre psíquico. É no corpo da mãe que a ordenação matemática do cromossoma adquire sentido, tecendo no imaginário a explicação mágica do surgimento da vida. No entanto é no corpo do bebê que o leite pode um dia ser uma metáfora para a palavra vida. É nele onde a mãe pode exercer as ações que constroem sua maternidade.

Cito Novaes:

"Dois fragmentos de Proust, tirados de *Les regrets, rêveries couleurs du temps*, dão conta dessa relação:

"O mar alegra nossa alma porque ele é, como ela, aspiração infinita e impotente, élan rompido sem cessar e quedas, lamento eterno e doce. Ele nos encanta também como a música que não traz como a linguagem a marca das coisas, que nada nos diz dos homens, mas que imita os movimentos da nossa alma. Nosso coração, enlaçando-se às suas vagas, caindo com elas, esquece assim suas próprias fraquezas, e se consola em sua harmonia íntima entre sua tristeza e o mar, que confunde seu destino com o destino das coisas...

A única realidade estava nessa luz irreal, e eu a invocava sorrindo. Eu não compreendia que misteriosas semelhanças uniam minhas penas aos solenes mistérios que se celebravam nos bosques,

no céu e no mar, mas sentia que sua explicação, seu consolo, seu perdão eram ditos, e que era sem importância que minha inteligência descobrisse o segredo, porque meu coração o compreendia muito bem."

Na sua radicalidade, indo além dos limites dos tormentos das afecções mais delicadas, submetendo-se quase que por inteiro à lógica das emoções e a inteligência do coração, Proust é talvez o melhor exemplo da força dos corpos exteriores: Se um outro se assemelha a mim, escreve ele, é porque eu sou alguém. Chegou a dizer mais de uma vez em uma de suas sessenta cartas publicadas por Lucien Daudet: "Mãe... não a diferenciava de mim (aliás, creio já ter dito isso a você muitas vezes)". Completa subversão do argumento ontológico, afirma André Vial nos ensaios Proust, *âme profonde e Naissance d' une esthétique*: aqui, Proust inventa um novo cogito sem cogito; não o "penso, logo existo", mas sim "assemelha-se a mim, logo existo". Esse conhecimento delirante, genial em Proust porque consegue transformá-lo em obra de arte, é signo de uma potência externa: o que são as intermitências do coração senão o corpo sensível coberto de sombras ora alegres ora tristes, sucessivamente? O testemunho de Lucien Daudet é muito forte nesse sentido: "Marcel Proust dizia boa-noite à sua mãe, beijava-a com uma adoração infantil, lenta e apaixonada como se quisesse a cada noite retomar forças nos braços que o haviam embalado." É irresistível aproximar, nessa incessante busca da identidade fora de si, estas duas potências da natureza que se fundem tão bem na língua de origem: mer-mère. Enfim, um desejo todo construído na imaginação, como encerra o próprio Proust: "Ela era, talvez, a insensível e inconsciente testemunha de sua própria graça. A sua mais real beleza estava, talvez, no meu desejo". ⁽¹¹⁾

9. - Freud, S. - "O Ego e o Id" in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XX. São Paulo: Imago Editora, 1976, p. 209.

10. - "A Questão da Análise Leiga" in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. São Paulo: Imago Editora, 1969, p. 25.

11. - Klein, M. - "Algumas Observações Teóricas sobre a Vida Emocional do Bebê" in "Os Progressos da Psicanálise." Melanie Klein, Paula Heimann, Susan Isaacs, Joan Riviere. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969, p. 216

II- O CORPO E A QUESTÃO DO AFETO:

"O afeto é apresentado como uma experiência corporal e psíquica, sendo que a primeira parece ser a condição da segunda. A experiência corporal se produz no momento de uma descarga interna; esta é reveladora de um sentimento de existência do corpo, na medida em que o arranca do silêncio. Ela atesta uma elevação de nível dos investimentos corporais, tensão que se resolve em descarga. Aqui o corpo é paciente e não agente, passivo e não ativo, espectador e não ator. O corpo não é o sujeito de uma ação, mas objeto de uma paixão."⁽¹²⁾

Conservando, de maneira rigorosa, a linha de pensamento freudiano, André Green reafirma - em uma linguagem totalmente pessoal - duas dimensões da experiência vivida e descrita desde a tradição filosófica grega, as dimensões do inteligível e do sensível. Evidentemente o sujeito do afeto é o objeto de uma paixão" porque ele é sujeito de sua própria corporeidade, e nela, todas as operações lógicas parecem estar em atividade, porém para o corpo apaixonado nada de inteligível advém dessas ações: é isto mesmo que nos autoriza a nomear esta ação de paixão. Infeccionado por uma linguagem que só se faz ouvir como um imperativo categórico, "aja!", o homem apaixonado pode ir além, pode ir além do estado que um corpo(ou uma biologia) pode sustentar. A morte, a finitude da razão e a dor, não importam ao sujeito condenado a agir, seu destino é o outro, seu destino é também a capacidade lógica do esquema corporal que já é dado como informação mínima, isto é, o sujeito que deve formular um conhecimento está aprisionado entre a lógica do próprio biológico e a lógica do objeto. Mamar como ação reflexa, é a justa medida que prova (em seu automatismo) o quanto o sujeito humano está condenado ao outro, condenado ao objeto, condenado a uma interpretação proveniente de um outro corpo.

No entanto, esta proposição nos leva também a pensar que a existência do seio pressupõe uma boca que o necessite como inscrição lógica primária. Posteriormente alguém poderia desejá-lo, mas neste momento o bebê o necessita ou, pelo menos, deveria necessitar do seio. Desejar já implicaria aceitar a submissão de que

a boca pudesse lhe dar a forma que ele já tem mas ainda não reconhece. Isto é, a boca contorna o seio lhe impregnando das qualidades, funções e fantasias orais e o seio, por sua vez, ensina a boca suas características nutritivas e sua intrusividade, sua penetrância.

No momento do parto, o corpo anuncia, todo, a sua limitação e sua paixão no grito que a cria humana dá ao nascer. Horkheimer⁽¹³⁾ já o havia dito sem que faltasse nenhuma sílaba: "O grito de terror que acompanha a experiência do insólito, fica sendo o seu nome". Aqui o "insólito", que um dia virá a ser o hábito, é o mundo apresentado pelo grito. Agora só resta prepararmo-nos para o momento de ouvi-lo, para apreendê-lo com calma e também com sofrimento. Porém a contradição lógica que a vida biológica engendra está presente desde o início e aprisionada entre a dor e o prazer, resta, no entanto a construção de um campo neutro onde ela possa se expressar e, mais ainda, ser acolhida pelos esquemas lógicos das ações do corpo que deve estar apto a aceitar essa lógica: sendo assim o horror viria antes da lógica, não? Isto é, a paixão abre, como o grito, a possibilidade de nomear o inominável. Porém só o corpo, em sua lógica, permite que o grito seja dado.

Por outro lado, e a bem da verdade, não se diria jamais que um "esquema" de ação não deseja expressar o que, próprio ao seu momento, ele deve ser capaz de expressar; mas devemos considerar esta possibilidade, devemos voltar nossa atenção a esse aspecto que age como se desejasse destruir a razão. Merleau-Ponty, afirma em 1952, na Sorbonne, que "Janet foi um dos primeiros a ver que os fenômenos das emoções são banais e não diferem radicalmente de um gênero de emoção a outro. Para ele (para Janet) 'Estar comovido' significa adotar uma atitude de fuga, livrando o sujeito da conduta racional a ser mantida"⁽¹⁴⁾. Pois é, aí está a afirmativa, aí está

12.- Levy-Strauss, C. - "Antropologia Estrutural." Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. p. 193 e 215.

Riviere, J. - "Sobre a Gênese do Conflito Psíquico nos Primórdios da Infância." in "os Progressos da Psicanálise." Melanie Klein, Paula Heimann, Susan Isaacs, Joan Riviere. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969, p. 47.

14.- Tchakhotine, S. - "Le Viol de Foules par la Propagande Politique." Paris: Éditions Gallimard, 1952. Posteriormente Edição Brasileira: "A Mistificação das Massas pela Propaganda Política." Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

descrito sucintamente um preconceito e, ao mesmo tempo, uma idéia. A idéia: Às vezes se torna necessário nos livrarmos da razão, da racionalidade; o preconceito: a emoção, o afeto, é uma fuga, é alguma coisa menor diante da razão e menos capaz para ser estrutura. Em Janet temos um Lacan disfarçado; com certeza Lacan foi mais violento em relação a uma teorização do afeto⁽¹⁵⁾:

"A obra de Lacan é exemplar, não apenas porque o afeto aí não tem nenhum lugar, mas também porque é explicitamente banido. 'No campo freudiano... o afeto é inapto a assumir o papel do sujeito protopático, visto que é um serviço que não tem titular' (Ecrits, p.799)" ⁽¹⁶⁾.

Lacan, preocupado com o sujeito da enunciação inconsciente, jamais poderia permitir que algo não-algébrico ocupasse o lugar proeminente que ele havia reservado ao sujeito submetido à lógica absoluta do simbólico e da linguagem. O afeto é inapto a ser sujeito, visto que as vísceras não tem personalidade simbólica, são, como para Sócrates ou Descartes, perturbações ou ilusões que o sensível, por ser matéria degradada, interpõe ao inteligível que seria letra pura, desencarnada, e portanto, livre da sujeira sensorial. Livre do efeito de estranhamento que o corpo manifesta diante da passagem do metabólico ou do simbólico. Aqui talvez tenhamos a referência corporal da palavra sufrer (que também está presente na palavra paixão). Sufrer, talvez, seja o exato momento em que um símbolo passa pelo corpo e se anuncia!!!

Talvez, se pudesse afirmar que, os afetos são uma "descarga interna". Estes fenômenos que atingem as vísceras, eram fenômenos que para Freud indicavam apenas uma passagem diante do campo da consciência. Em M. Klein, pelo contrário, se pode adotar uma nova concepção: o afeto é uma força inconsciente particular; isto é, a força dos representantes afetivos da pulsão tiram da cena principal os representantes ideativos. A idéia, a forma pura, cede lugar para a tripa e para ausência de forma. Os afetos aqui também são estruturas, mas são estruturas não como aquelas concebidas por Lévi-Strauss ou Lacan, são climas, são ambientes que não dependem do lugar que o significante possa ocupar no campo da sentença, da linguagem, da família ou do grupo étnico. São estruturas da paixão; elas criam uma ilusão de movimento e criam com isto a ilusão de que é possível escapar da álgebra das letras; aquela

álgebra que acredita serem os signos isentos da dispersão que o corpo-sensível interpõe ao conhecimento. As forças da compulsão à repetição proveniente do simbolismo inconsciente são evocadas para evitar o impacto do encontro com o ignorado. O afeto é o saber do coração! Para o corpo tudo é novidade, para linguagem que fala a fala do inconsciente tudo é passado já conhecido. Tudo é eterno retorno a um já sabido, uma vez que é a evitação do desamparo gerado pela ignorância, ódio ao encontro, repugnância ao conhecimento, horror ao desejo.

III- O CORPO E A QUESTÃO DO PENSAMENTO:

A observação de crianças psicóticas, que além da psicose tem também problemas de aprendizagem, tem evidenciado o quanto elas evitam o contato com o mundo tanto dos objetos como dos seus congêneres. Este problema muitas vezes tem sido trabalhado pelos estudiosos, tomando separadamente os aspectos cognitivos e os afetivos e, em consequência disto, separam-se da mesma forma os serviços terapêuticos; reservando-se para o mundo afetivo a psicoterapia e para o cognitivo a pedagogia (ou talvez mais precisamente, a psicopedagogia). Esta tendência a separar os fenômenos facilita, muitas vezes, um aprimoramento das habilidades de cada profissional em sua área, podendo com a prática ganhar cada vez maior acuidade e precisão com os instrumentos que lhe são necessários e que cada teoria oferece. O mesmo fenômeno também é visível com os profissionais que atuam na área médica e na psíquica. Com estes vemos uma outra cisão, mais tradicional porém, descosendo o tecido que envolve e une o físico e o psíquico (Winnicott, 1949).⁽¹⁷⁾

No entanto, afeto e cognição do ponto de vista teórico não são campos separáveis como não serão inseparáveis também os campos das vísceras e das idéias. Pode ser necessário, para se

15.- Winnicott, D. W. - "Carta de Winnicott a Melanie Klein" Trad. de Cláudia Bacchi. Rev. Bras. Psicanálise. 24 (2):277:80, 1990.

16 - Idem

17 - Winnicott, D. W. - Textos Seleccionados da Pediatria à Psicanálise; RJ.; Francisco Alves, 1978, capítulo 19.

pensar com profundidade sobre algum fato, destituir de afetividade as lembranças que estão registradas em nossa memória. Mas, todos os caminhos que deveríamos percorrer seriam infinitos e carentes de qualidades se não houvesse a cada passo um sinal que nos avisasse que usar aquele traço de memória iria nos causar dor. Porém nem sempre estamos aptos a optar pelo prazer, e, nem sempre o que pode nos dar prazer nos leva a alguma conquista do conhecimento.

Prazer e dor, alegria e tristeza, bondade e maldade estão no campo dos afetos e obviamente fazem parte de uma sofisticada rede de códigos que se constróem como saber primário. M. Klein já havia escrito e ensinado em seus textos que o primeiro sinal do símbolo é o desenvolvimento da angústia.

Assim, nos ensinou também o quanto o corpo sabe ensinar por onde o pensamento deve se conduzir. É o efeito de surpresa diante do encontro com o objeto que faz com que ocorram descargas viscerais, isto é, surjam os significantes passionais da experiência. São estes os que podem ser tomados como leituras afetivas primitivas. Isto nos faz compreender melhor o porque tudo que o corpo toca se transforma em qualidade. Em outras palavras é o afeto que apresenta o objeto, e ao mesmo tempo marca a distância desse mesmo objeto em relação a nós. Ele - o objeto - fica colorido, marcado, mediado pelo afeto que se interpõe no momento da experiência de conhecer. Algumas crianças podem querer evitar essa experiência do afeto ficando inafetivas. Outras podem suportá-lo e seguir adiante. É por esta razão que Bion (1970)⁽¹⁸⁾ coloca a questão de que algumas pessoas sentem mas não sofrem, pois o sofrimento depende da presença do símbolo, depende da possibilidade de significar através de uma descarga corporal, que passa como um relâmpago na consciência, e, demarcam assim a forma-fugaz do objeto que se apresenta tanto na memória quanto na realidade. É o afeto sofrido que dará sentido ao objeto, ao sujeito e ao sentir proveniente do corpo.

Mantendo coerência com esta colocação poderíamos afirmar que o afeto é a leitura visceral do encontro com o objeto. O afeto é o mediador visceral do processo de conhecimento. Porém ele só não basta. Ele, por seu lado, poderia

proporcionar um excesso de qualidades sem ter nenhuma lembrança que o sustentasse. Assim, a memória dissociada do afeto é letra pura, é lógica sem sentido e, de outra forma, o afeto, sem a letra para segurá-lo, é inércia, expansão perene, automatismo, estertor. É morte.

É evidente que, além do próprio corpo da criança a dar a primeira forma a essa experiência que talvez pudéssemos chamar de experiência estética (Meltzer, D. 1985),⁽¹⁹⁾ a pessoa da mãe deve ser lembrada. É ela a responsável pela confecção, costura e manutenção de uma escura imaginária da criança. É ela que produz o tecido mítico que irá envolver a criança. Ela refaz a tradição, toma a função narrativa e constrói tempo, ao redor da criança; a envolve em um campo heterogêneo impregnado da palavra sagrada, a introduz em todos os valores das imagens, das temperaturas, dos tons e de todos os ritmos humanos: do lazer ao trabalho, do tédio ao sonho. É a mãe que suporta, enfim, o duro golpe da descarga visceral dando-lhe um formato de paixão: "Agora que você nasceu deverá apaixonar-se por mim, eu sou você e você só tem a mim para viver, sua vida está em minhas mãos, sua vida sou eu!" Sabemos muito bem como isto custará caro. Dívida de amor só se paga com a morte.

Neste contexto ainda temos que lembrar duas polaridades mais a serem pensadas. Uma é a potencialidade lógica do corpo da criança e a outra é o ódio gerado pela consciência de se estar submetido ao discurso de um outro, no caso aqui a mãe, que fala pela criança mas que talvez não possa ouvi-la com o ouvido do conhecimento. A primeira é a potência corporal de codificar uma experiência para além daquilo que seria a experiência estética. O corpo é também capaz de razão; ele também é capaz de evitar o choque contínuo com a paixão, é capaz de desvalorizar a mãe o suficiente, para querê-la só quando for

18 - Bion, W. R. - Atenção e Interpretação; R.J.; Imago, 1973, p.11: ... "elas sentem dor mas não a sofrem e nem podem ser levadas a descobri-la. O que elas não sofrerão ou descobrirão, teremos que conjecturar daquilo que aprendemos de pacientes que se permitem sofrer. O paciente que não sofre dor, falha ao "sofrer" prazer e isso nega-lhe o encorajamento que ele, ..., poderia receber de uma ajuda acidental ou intrínseca".

19 - Meltzer, D. - *Rèvue Française de Psychanalyse*, 49(5): 1385-1389, 1985

necessário. É esta racionalidade - que introduz uma ligeira indiferença nas relações - que protege um bebê dos desejos eróticos que qualquer mãe tem pelo seu filho. É esta capacidade de distância, de esfriamento racional que faz a mãe sentir-se, também, submetida à crueldade passional da lógica corporal das necessidades de seu bebê. Isto poderia ser dito assim: se a boca não mama a mãe não existe!

Horrorizada com a possibilidade de estar morta no mundo mental do próprio filho, ela (a mãe) lhe implora que mame. Julgo não ser atrevimento dizer que na palavra "mamar" a ação e o afeto estão unidos e marcam bem a súplica passional que aí se revela: quem mama também me ama! É este o desejo materno e este é o acordo entre corpo e objeto. É a este gesto, o de poder sugar, que se dirige o anseio do seio. São estas as ações que esperam que um sujeito venha a se apossar delas. São ações que anseiam pelo corpo de um sujeito vivo.

A segunda proposição é algo mais complexa, ela envolve delicados temas teóricos sobre a afetividade humana e nos leva à investigação das qualidades do mundo subterrâneo e de sua força necessária mas corrosiva. Estamos falando do mundo presidido pelo ódio. Mundo intensamente povoado pelas figuras do medonho, do ominoso, do nefando. Mundo assombrado pelas manifestações do macabro, dramatizado pelas máscaras do diabólico e responsável pela construção dos afetos mais rasteiros, como a inveja, o rancor, a vingança, a ira, a violência. Produtor de uma estética profundamente brutal, que se divide entre hordas representantes de um narcisismo negro e o glamour iluminado do vazio, do nada, ele constrói as funções psíquicas que se opõem ao próprio psiquismo. É sob o domínio deste ódio que vemos o bebê dirigir-se com tanto desespero ao corpo feminino - mamá-lo, sugá-lo - e adquirir - para suportar a ignorância - a forma psíquica deste corpo. O que? É esta a questão que percorre este ensaio. É ela que abre o campo de investigação da cognição na teoria kleiniana como eu propuz nas páginas anteriores, isto é, estudar as formas passionais do conhecimento.

Aqui temos um processo de conhecimento muito particular, uma espécie de conhecimento mimético. Diríamos que: como se diante do

espaço aberto, o mundo psíquico vivesse uma fascinação tão insuportável que adotasse como uma das soluções possíveis a tendência a assumir - completamente - a forma do objeto que se apresenta, e, em seguida adotar uma profunda e imutável identificação com esse objeto - a mãe. Transformar-se em seu corpo, transformar-se em suas funções, em sua tarefa como fêmea, como útero.

"O corpo deixa então de ser solidário do pensamento, o indivíduo franqueia a fronteira de uma pele e mora do outro lado dos seus sentidos. Procura ver-se de um ponto qualquer do espaço. Ele próprio se sente tornar espaço, espaço negro, onde não se podem meter coisas. É semelhante, não semelhante a algo, mas simplesmente semelhante. E inventa espaços, dos quais é possessão compulsiva. (grifos do autor)"⁽²⁰⁾

"Todas estas expressões trazem à luz um mesmo processo: a despersonalização por identificação com o espaço"...⁽²¹⁾ Assim são organizados os conhecimentos e assim eles se implantam no tecido mítico sustentado pelo imaginário onírico da mãe.

Neste processo de conhecimento formado pelo, ou no ambiente do ódio, aquele que fala é o outro, não o sujeito. É a mãe, não o bebê. O bebê em sua violência adquire de modo incipiente o formato psíquico do objeto, mas isto não basta ao sujeito para prosseguir na elaboração das significações. O sistema cognitivo notifica a falta de outras condições mais eficazes para a perpetuação da vida: "É necessário ter acesso ao código que a mãe está usando". "Como penetrar no mundo mental desse outro sem colocá-lo em pânico e sem destruí-lo?" Momento delicado, momento onde nascem os mais profundos ressentimentos:

"Um dos mais amargos ressentimentos que temos encontrado no inconsciente é que esta quantidade esmagadora de interrogações, que são aparentemente só em parte conscientes e, quando conscientes, não podem ser expressas em palavras, permanecem sem resposta. Esse recalcado é logo acompanhado por outro, ou seja, que a criança não podia compreender as palavras

20 - Caillois, R. - O Mito e o Homem; Lisboa - Portugal, Edições 70, 1972; p.82

21 - Idem

e a fala. Deste modo, as suas interrogações remotam para além dos começos de sua compreensão da linguagem".⁽²²⁾

O fracasso diante do objeto, a falha na apreensão ideal do objeto, constróem realidades afetivas ao redor do objeto e o envolvem em uma atmosfera particular do ódio, a frustração, que "significam ao mesmo tempo castigo e produzem ansiedade".⁽²³⁾

Esta maneira de pensar induz a uma equação onde ignorância-castração-frustração-e-castigo formam uma cadeia lógica ligada pelo ódio. Conhecer e roubar, aqui, são sinônimos. Penetrar, invadir e se apossar, são reações regdas pelo ódio contra o não saber, a ignorância, e são elas que se encontram na base das inibições intelectuais e da arrogância, tanto no campo da fala, da escrita, como também no do pensamento. Quem experimenta o mundo como um inimigo jamais poderá estabelecer com firmeza uma noção deste mundo.⁽²⁴⁾

"Parece-me ser característico do paranóico que, embora desenvolva um forte e agudo poder de observação do mundo externo e dos objetos reais, por causa de sua ansiedade de perseguição e de suas suspeitas, esta observação e seu sentido de realidade estão, todavia, falseados, uma vez que sua angústia de perseguição faz com que olhe as outras pessoas principalmente do ponto de vista de que sejam perseguidores ou não. Quando a angústia de perseguição está em ascensão no que se refere ao ego, não são possíveis nenhuma identificação completa e estável com outro objeto, no sentido de considerá-lo e compreendê-lo como realmente é, nem uma capacidade plena para o amor".⁽²⁵⁾

As inibições, assim, demarcam quão profundamente, chegar até os códigos estabelecidos pela cultura, exige do homem uma dura travessia pelo campo dos mitos, das cosmogonias, das cosmologias. Fazer com que a palavra fale não é nada simples e, certas interrogações, jamais poderão obter uma resposta satisfatória; sempre serão enigmas, ou pior, sempre serão o sinal da dor de não saber: a castração!

É no mito onde o não saber pode ganhar um sentido, pode ganhar a forma de uma fábula.

Antes do acolhimento dado pelo mito, o saber, ou era despersonalização, ou angústia de aniquilamento. É só, organizado pelo mito de Édipo (conforme Klein o propõe) que o conhecimento principia a tecelagem das relações causais. A culpa edípica é a construção mítica das noções de causa na ciência. Quem é o culpado? Quem causou isto? - O culpado, ora! O culpado é aquele que é a causa e, no início imaginário da lógica implicativa, antes da letra está o sujeito. Este sujeito é a causa da vida, senhor do destino, dono de tudo e, portanto, o eterno responsável por tudo o que acontece: um pequeno Deus que não sabe onde está, por que veio, pra onde vai e qual é o sentido de suas ações no mundo:..." É claro por que, numa criança de mais ou menos um ano, a ansiedade causada pelo início do complexo edípico, toma a forma de um temor de ser devorada e destruída. A própria criança deseja destruir seu objeto libidinoso, mordendo-o, cortando-o, e devorando-o, o que provoca ansiedade, já que o despertar das tendências edípicas é seguido pela introjeção do objeto, que se transforma então em alguém de quem se deve esperar castigo. A criança teme então um castigo que corresponda à sua ofensa: o superego se transforma em algo que morde, corta e devora."⁽²⁶⁾ Esta é a proposta do pensamento kleiniano.

Aqui o problema se intensifica, pois, esse deus-causa-de-tudo (o bebê) tem que ceder para um outro deus-de-infinita-beleza. A força

22 - Klein, M. - Contribuições à Psicanálise; São Pulo, Ed. Mestre Jou, 1981; p.255

23 - Idem, p.225

24 - "O termo paranóide, porém, ao indicar o sentimento persecutório, introduz um viés: um sentimento de qualidade persecutória é apenas um dos muitos matizes afetivos que podem ocorrer em tais instantes do absoluto, em cuja duração uma pessoa é o mundo, pois constitui com este, uma unidade." p.50 "...Os sentimentos vivem em puras imagens de objetos que não têm face nem voz, nem mãos ou cabeça, objetos dos quais emanam advertências e amistosidades, dignidade ou indiferença, agouro ou terror. Projetar sentimentos nos objetos externos é o primeiro modod de sombolizar e, assim, de conceber tais sentimentos." p.52; idem, Fonseca, E.M.A.

25 - Klein, M. - idem, p.367

26 - Klein, M. - idem, p.254/55

racional presente no próprio corpo da criança exige dela um contato preciso com a mãe e com aquilo que deve ser suprido por ela, alimentação, conforto, auxílio, etc... Isto só será possível se no lugar da dependência desesperada e sem mediação, surgir em uma ambientação de esperança e uma capacidade de gratidão. Caso contrário teremos uma contenda entre rivais de força igual que só sabem perseguir um ao outro: é no medo e só no medo onde se mantem unificados, sem o medo tudo viria água abaixo. Mas, com medo ou sem medo, as necessidades devem ser consideradas seriamente e a adaptação conquistada com precisão.⁽²⁷⁾

Porém, além de todas essas situações presididas pelo outro - pela mãe ainda nos resta uma terceira proposição a desenvolver. Esta diz respeito à lógica interna própria aos organismos inteligentes. Nas palavras de Piaget deveríamos ter um equilíbrio entre assimilação e acomodação. Estes dois esquemas seriam, associados aos de adaptação, nossa mãe-racional-interna-primária. No entanto a fixação destes pontos de sustentação lógica, só ganharão em força e eficácia se lhes for permitido um bom espaço interno de aptagem e um bom ambiente externo de cuidados.⁽²⁸⁾

Portanto, para um sujeito passional poder vir a ser um sujeito racional, não basta o mito e o outro (a mãe) como mediadores "suficientemente bons", é necessário que internamente haja um acordo a favor da ação dos esquemas racionais de apreensão dos objetos. É necessário que o mundo seja bem-vindo.

Com a investigação clínica de crianças muito pequenas, M. Klein, descobriu não só esses processos de ódio manifestando-se simultaneamente na construção e desconstrução da realidade psíquica. Descobriu também, e para além do contingente das psicoses infantis, que uma espécie de afetividade era responsável por uma complexa desconstrução das identidades tanto matemáticas (classificadoras e operatórias) como também responsável pela desconstrução da identidade com o outro da mesma espécie. Isto se fazia presente também em condições normais. Esta afetividade teve como seu representante exponencial a inveja, que, na sua teoria perde o status de emoção cotidiana e ganha o valor de

conceito.

Ela poderia ser enunciada assim: o defeito do sensível, na construção do conhecimento é dado pelo ressentimento que ele gera. Se há defeito é porque no movimento de conhecer existe - ou se instala - um intruso que danifica a construção da informação. Tenho observado - tanto nas pesquisas feitas com crianças normais, quanto com as que apresentam uma patologia grave - que há algo que intercepta a conexão do corpo com a palavra, do corpo com a percepção. Algo que interfere na formação e desenvolvimento do interesse pelo objeto. Algo que age destruindo as amarras continentais do racional. Um algo (ou "um isso") impede que se construa uma vontade de saber; impede a formação da vontade, do desejo e do objeto. É uma verdadeira objeção, levada ao limite da indiferença pela vida: diante da inveja nada pode ser valorizado, nada pode receber significado.

Talvez, M. Klein dissesse que diante do objeto - no exato instante do encontro da boca do bebê com o seio - nasce a formidável figura medonha de um mediador necessário, ele não é o outro, é a própria lógica interna dos organismos inteligentes. Com esta, nasce também o germe de sua destruição: a inveja. Quer dizer, um olhar pode ser um gesto vazio. Mas ver... ver, pelo contrário, exige o desejo, exige o querer saber, exige estar favorável a construção da visão, exige, em suma, que não se proíba a visão. O não ver (o inver) está na palavra inveja e evidencia o quanto de negatividade, de indiferença proposital, o quanto, enfim, de não e recusas há no mundo que se conhece pelo visível e no ato de tirar da visão a consciência do ver.

PODER DA FALA DO PODER. A FALA DO PODER DA FALA.

Mário Lúcio Alves Baptista(*)

"Felizmente, as conferências científicas e políticas nada têm em comum. O êxito de uma convenção

27 - Aqui, é bom lembrar, adaptação não é submissão mas sim a capacidade verdadeira de usar os objetos sem sentir-se subjugado, é a capacidade de não colidir com o real, de toma-lo como jogo.

28 - Ver Winnicott, D.W. - Textos Seleccionados ..., R.J.; Francisco Alves; 1978, cap 19 e 22

política depende de acordo geral da maioria ou da totalidade de seus participantes. O uso de votos e vetos, todavia, é estranho à discussão científica, em que o desacordo se mostra, via de regra, mais produtivo que o acordo. O desacordo revela antinomias e tensões dentro do campo em discussão e exige novas explorações."

Roman Jakobson, 1960.⁽⁸⁾

Introdução.

O tema que me propus desenvolver é de aparente simplicidade. Uma simplicidade que vem da certeza de que é senso comum o fato da fala ser um dos instrumentos mais poderosos de que dispõe o ser humano. É também senso comum que, seja em que nível for de divisão da sociedade, os detentores do poder sempre utilizaram e vão continuar utilizando a fala e sua força tanto para alcançar o poder como para perpetuá-lo em suas mãos.

Quando tive o primeiro contacto com a afirmativa de que o poder utiliza como sua linguagem o senso comum, de maneira a excluir do que seja a sua linguagem aquilo que não for o senso comum, em nada me surpreendi, como poderá ficar claro a seguir.

O poder, através do senso comum, aprisiona para si as falas, os conceitos, as verdades e a competência, de tal forma que até mesmo falar de algo que seja senso comum tornar-se difícil. E assim, é muito difícil falar sobre o poder da fala e a fala do poder, ou seja, falar sobre o senso comum, principalmente quando se tem como intenção primordial a denúncia do uso dessa tática de inclusão e exclusão.

Proponho-me discorrer sobre o tema apresentado no título da seguinte forma: vou procurar, em primeiro lugar, demonstrar como a questão se propôs para mim e como foi tomando forma, ao mesmo tempo em que se expandia. Chamarei este tópico "Percurso da Reflexão".

Num segundo momento, que chamarei "O Poder da Fala", procurarei trazer exemplos de situações para demonstrar como o poder da fala se impõe. Muitas destas situações me foram apresentadas por Isaías Melsohn em conferências que proferiu na nossa Sociedade ou fora dela e em cursos que ministrou.

Vou recorrer aos textos "Lenguaje y Mito. Sobre el Problema de los Nombres de los Dioses" de Ernst Cassirer, publicado em seu livro "Essência e Efecto del Concepto de Símbolo"⁽⁵⁾; "O Feiticeiro e sua Magia" e "A Eficácia Simbólica" de Claude Levy-Strauss, publicados em seu livro "Antropologia Estrutural"⁽¹²⁾. Vou utilizar-me, finalmente, de um texto de Roman Jakobson, "Linguística e Poética" publicado no seu livro "Linguagem e Comunicação"⁽⁸⁾ e do relato feito por um colega de um fato de sua experiência pessoal, na prática psicanalítica.

Depois vou deter-me num primeiro nível de expansão que chamarei "Visão Telescópica", onde apontarei para uma visão global do problema da divisão da língua e da guerra que se instaura entre o poder e a linguagem marginal.

A seguir, vou passar a uma visão que chamarei "À vista desarmada", na qual procuro estudar como, dividida a língua, na linguagem do poder e na marginal, estabelecida a guerra entre o poder e a linguagem marginal, tem incio um processo que visa à exclusão da nova linguagem pela via do discurso competente, ou à sua cooptação. Extendendo-me, passarei ao estudo de como se estabelece, entre linguagens divididas, mas pertencentes à mesma área do saber, uma outra guerra pelo poder, tendo alguma delas sido ou não cooptada.

Neste nível de visão, como tratamos de uma parte das ciências dedicada à cultura, veremos também como cada uma das divisões da língua, as falas ou linguagens, encerram dentro de si o saber de forma escolástica, delimitando, como o poder o

* - Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

5. - Cassirer, E. - "Lenguaje y Mito. Sobre el Problema de los Nombres de los Dioses". in "Essencia e Efecto del

8. - Jakobson, R. - "Linguística e Poética" - publicado originalmente em "Style in Language", org. por Thomas A.

Sebeok. Nova Iorque, M.I.T., 1960. - in "Linguística e Comunicação", 2ª Edição, Revista, Editora Cultrix Ltda, São Paulo, 1969, tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes, p. 15; 10ª edição, Editora Cultrix Ltda, São Paulo, tradução idem, sem data, p. 118

12.- Levy-Strauss, C. - "Antropologia Estrutural." Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. p. 193 e 215.

faz, áreas de inclusão e de exclusão.

Em último lugar, detenho-me no nível, "A Visão Microscópica", que é aquele que se dá no uso da fala para o exercício do poder nas relações interpessoais. Tendo em vista o meu exercício diário da psicanálise, escolhi a relação analista-analisando para por no foco de meu microscópio isolando, de dentro dela, exclusivamente aquilo que diz respeito ao exercício do poder. Poderia, não fora minha prática diária da psicanálise, escolher qualquer outro tipo de relacionamento interpessoal para fazer a mesma exposição: a de pai e filho, mestre e discípulo, homem e mulher, marido e esposa; enfim, qualquer relação entre duas pessoas.

Vou utilizar-me de conceitos apresentados por Roland Barthes em seu livro "Rumor da Língua"⁽²⁾, principalmente nos textos "A Divisão das Linguagens" e "A Guerra das Linguagens", e por Marilena Chaui, no texto "O Discurso Competente", publicado no seu livro "Cultura e Democracia"⁽⁴⁾.

Far-se-ão presentes, como informei acima, textos consagrados, mas vou lançar mão de um, não consagrado, como contraponto, para guiar-me no caminho que tentarei trilhar. Trata-se de uma carta de Winnicott a Melanie Klein que chegou recentemente ao nosso meio traduzida para o português por Cláudia Bacchi e publicada na Revista Brasileira de Psicanálise.⁽¹⁵⁾

Percurso da Reflexão.

Em um primeiro momento este tema impôs-se à minha reflexão por pura casualidade, é verdade que uma casualidade semelhante àquela que levou Sir Isaac Newton a deduzir a lei da gravidade ao observar a queda de uma maçã, evidentemente sem a sua genialidade.

Estava em uma liquidação de livros quando um deles chamou-me a atenção pelo título: "Le Viol de Foules par la Propagande Politique" de Serge Tchakhotine⁽¹⁴⁾. Adquirido o livro, a atenção despertada começa a transformar-se em surpresa já no prefácio no qual o autor relata suas peripécias para conseguir publicá-lo, não por falta de editor, mas diante da oposição da censura num país, a França, no qual já não existia tal mecanismo de controle da opinião pública.

Relata que as primeiras provas gráficas chegaram-lhe às mãos faltando inúmeras passagens e que ele custou a dar-se conta de que faltavam exatamente as críticas que fazia a Hitler e Mussolini. O livro tinha sido encaminhado para publicação em 1939, dois meses antes do início da II Guerra Mundial. As censuras haviam sido feitas pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros da Terceira República. A lei francesa garantiu a publicação na íntegra, mas, nova surpresa, dois meses depois, livro já nas livrarias, declarada a guerra, a polícia francesa o apreende. Finalmente, em 1940, os alemães ocupam Paris confiscam-no e destroem-no, agora já não há surpresas.

Uma bela história de um livro que denuncia o perigo da mistificação das massas pela fala hitleriana no país que, fazendo fronteiras com a Alemanha e tendo com esse país uma longa história de litígios beligerantes, muito provavelmente seria um dos primeiros alvos das forças nazistas.

A fala hitleriana era tão poderosa que se impunha até mesmo sobre seus alvos de mais antiga tradição e, assim como Hitler conseguiu plantar nos dirigentes franceses o germe da irreflexão, estava plantado em mim, por um livro que denunciava exatamente isto, o germe da reflexão, da reflexão sobre o poder da fala.

Não tão casualmente como da primeira vez, pois já se encontrava plantada a semente e a terra mostrara-se fértil, uma segunda oportunidade de estímulo surgiu quando, repassando alguns aspectos da História do Brasil, deparei-me com a "visita" do Marquês de Pombal. Visita que, como todos nós sabemos, tinha por finalidade principal sufocar movimentos separatistas que se esboçavam na colônia e esta, como aqueles, precisava ser submetida. Entre muitas outras coisas desta "visita" chamou-me a atenção que o

2. - Barthes, R. - "A Divisão das Linguagens" e "A Guerra das Linguagens" In "O Rumor da Língua". São Paulo: Ed.

4. - Chaui, M. - "O Discurso Competente". in "Cultura e Democracia." São Paulo: Editora Moderna, 1981. p. 3.

14.- Tchakhotine, S. - "Le Viol de Foules par la Propagande Politique." Paris: Éditions Gallimard, 1952. Posteriormente Edição Brasileira: "A Mistificação das Massas pela Propaganda Política." Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

15.- Winnicott, D. W. - "Carta de Winnicott a Melanie Klein" Trad. de Cláudia Bacchi. Rev. Bras. Psicanálise.

Marquês encontrara a colônia falando português à exceção de duas províncias, a Província Cisplatina, onde se falava espanhol e a Província de São Paulo, onde se falava, principalmente entre as classes dominantes, o tupi-guarani.

A primeira já estava perdida, que se lhe conceda a independência, mas a segunda ainda poderia ser salva desde que lhe fosse imposta a "língua mater", da matriz, da metrópole, portanto. Observe-se ainda, a título de curiosidade, que uma das províncias falava uma língua poderosa, o espanhol, com a qual Portugal disputava de igual para igual; a outra província falava tupi-guarani, uma língua dos seres inferiores locais, os índios. E assim se fez. Mais uma vez o poder da língua é usado para impor um outro poder, o poder colonial, no caso. Mas, apesar disto, não é da língua, matriz de toda linguagem, que eu quero falar, mas sim da linguagem, da fala, da língua encarnada em cotidiano.

O Poder da Fala.

"E incidentalmente não desprezemos a palavra. Afinal de contas, ela é um instrumento poderoso; é o meio pelo qual transmitimos nossos sentimentos a outros, nosso método de influenciar outras pessoas. As palavras podem fazer um bem indizível e causar terríveis feridas. Sem dúvidas 'no começo foi a ação' e a palavra veio depois; em certas circunstâncias ela significou um progresso da civilização quando os atos foram amaciados em palavras. Mas originalmente a palavra foi magia um ato mágico; e conservou muito de seu antigo poder." Freud, S. (1926).⁽¹⁰⁾

Ernst Cassirer, no citado "Lenguaje y Mito. Sobre la Origen de los Nombres de los Dioses", faz o relato da experiência de uma pessoa sem escrita que sai para caçar pela madrugada, ainda um pouco escuro. Para estatelada diante de uma coisa que está ali à sua frente e fica imobilizada pelo pânico. Aquela pessoa não sabe o que é aquilo. O caçador ficou paralisado e não tinha a fala, não podia, então, dizer: isto é... tal coisa. Simplesmente tinha perdido a fala.

Fica paralisado durante algum tempo, tempo que nem ele mesmo sabe qual é, porque se ele não tem a fala não tem o tempo, nem o espaço, não tem identidade, não tem nada. Quando consegue libertar-se daquela situação vai à tenda do

feiticeiro da tribo e relata-lhe o fato.

Note-se que só depois de recuperada a fala pode buscar o feiticeiro e relatar-lhe o acontecido. Antes de recuperá-la nada pode fazer senão "ficar estatelado".

Este é o tipo de organização da consciência que Cassirer, entre 1923 e 1929, especialmente no capítulo II do volume III de sua "Filosofia das Formas Simbólicas"⁽⁶⁾, chama de "expressiva pura" e que é equiparável às experiências emocionais que Melanie Klein tão bem descreveu, em 1946, sob o nome de "Posição Esquizoparanóide", especialmente em "Algumas Observações Teóricas sobre a Vida Emocional do Bebê"⁽¹¹⁾, mas que já se vinha esboçando em seus escritos anteriores (para melhor esclarecimento a respeito das semelhanças e diferenças entre estas duas propostas remeto-os aos textos originais citados).

O feiticeiro, que geralmente é um sábio, diz a ele que não se preocupe porque aquele fora um espírito benfazejo que se apresentará de uma forma tão assustadora para que não fosse esquecido. Ele deveria ir periodicamente prestar uma homenagem àquele espírito e teria proteção na sua caça para o resto da vida. O indivíduo tranquiliza-se e sai. Resgata as armas perdidas no momento do pânico paralisador e vai completar sua caçada. Periodicamente homenageia o espírito que não era nada mais nada menos que um baobá, uma grande árvore de fruta-pão que, no lusco-fusco da madrugada, não se deu a perceber pelo nosso personagem senão como um grande e assustador trô já que sua consciência, organizada sob a forma expressiva pura, ou vivendo uma experiência emocional do tipo

5. - Cassirer, E. - "Lenguaje y Mito. Sobre el Problema de los Nombres de los Dioses". in "Essencia e Efecto del Concepto de Signo". México: Fondo de Cultura Económica. p. 77. 1975. Também em tradução brasileira: "Linguagem e Mito" São Paulo: Editora Perspectiva. 1972.

6. - "Filosofia de las Formas Simbólicas" México: Fondo de Cultura Económica. Vol III p. 76. 1972.

10. - "A Questão da Análise Leiga" in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. São Paulo: Imago Editora, 1969, p. 25.

11. - Klein, M. - "Algumas Observações Teóricas sobre a Vida Emocional do Bebê" in "Os Progressos da Psicanálise." Melanie Klein, Paula Heimann, Susan Isaacs, Joan Riviere. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969, p. 216.

esquizoparanóide, não podia perceber o mundo senão desta forma.

A fala do feiticeiro teve o poder não só de tranquilizar o caçador como teve também o poder de fazê-lo acreditar naquilo que o feiticeiro queria que ele acreditasse. É evidente que o caçador precisava deter uma crença no poder do feiticeiro. Para quem estava sem fala era melhor recuperar uma fala benfazeja do que permanecer sem fala ou com uma fala assustadora, embora até mesmo esta, como veremos abaixo no exemplo clínico, seja melhor que nenhuma fala. Assim também com a psicanálise, que se torna muito mais eficaz quando conta com a crença de seu paciente e é melhor ter a fala de seu analista, constituído neste momento, sujeito suposto saber, que nenhuma fala. Esta necessidade de uma crença para tornar nossa atividade mais eficaz exige maior reflexão do que uma simples citação apressada, pois talvez esteja na base da tão observada expansão da psicanálise primordialmente entre os profissionais da área, mas não me parece ser este o espaço adequado uma vez que me interessa, neste momento, tratar do problema do poder da fala.

Outra passagem interessante é relatada por Levy-Strauss nos já citados capítulos IX e X de sua "Antropologia Estrutural". Os dois capítulos intitulam-se "A Eficácia Simbólica" e "O Feiticeiro e sua Magia". Em "A Eficácia Simbólica" procura mostrar como e porque a magia é eficaz, mas como estou interessado na fala e não na magia, vou destacar como a magia se faz eficaz através do uso do poder da fala.

Em resumo, uma mulher está em trabalho de parto numa tribo em que o parto era feito por uma parteira. Esta encontra-se em dificuldade na condução do parto e o bebê não nasce, entrando em sofrimento fetal. A parteira informa à parturiente que vai chamar o feiticeiro da tribo.

Esta informação, entretanto, não é dada da forma a que recorrem nossas parteiras que, quando não conseguem conduzir um parto ao seu final, informam à parturiente da necessidade de buscar outra pessoa, com uma carga de derrota. Vão buscar, então, um médico para tentar fazer aquilo que elas não conseguiram, um médico com quem elas estão, de um modo geral, em franca competição, bem ao contrário da parteira e do

feiticeiro entre os quais reina plena cooperação.

Esta informação é dada de forma mais sábia de modo a iniciar uma encenação e iniciar também a intermediação da fala. É, portanto, com uma fala específica que ela informa à parturiente que vai buscar "aquele que fará com que o parto se dê".

Assim ela faz e vai, dançando, em direção à cabana do feiticeiro. De lá volta à frente de um desfile que se constitui dela mesma, do feiticeiro e todo seu séquito. Todos eles vêm contando à parturiente a história de que o que está se passando é uma oposição da deusa da fertilidade a que ela dê à luz e que eles têm então que trabalhar juntos com a finalidade de vencer a oposição da deusa. Não podem, entretanto, feri-la demais porque, se a ferirem assim, derrotando-a de forma humilhante, se ela sentir-se humilhada, pode vingar-se prejudicando a futura prole.

Desenvolve-se um discurso cantado que descreve a luta dos enviados do feiticeiro para: primeiro, guerrear com os defensores deidade; segundo, entabularem negociações para que o parto possa ocorrer.

O feiticeiro continua relatando a luta entre os seus enviados e aqueles defensores e depois a entabulação de negociações entre eles, que entraram pelo canal vaginal e foram até ao útero, onde estava instalada a deusa, enquanto ele faz o relato, relaxa-se o canal vaginal e o bebê nasce.

Uma percepção genial dos problemas de um parto difícil que a "ciência" levou alguns séculos para perceber, para perceber que uma intervenção excessivamente agressiva num parto pode comprometer a fertilidade futura de qualquer mulher, pois nós, médicos de hoje, sabemos que aquele parto poderia dar-se, mas poderia ter mesmo como consequência a infertilidade.

Estes dois relatos estão em cada um dos lugares citados com objetivos diferentes. O primeiro, em "Linguagem e Mito", busca mostrar a formação dos deuses momentâneos e como esta formação ocorre pela nomeação, mas serve também, como serviu a mim, para demonstrar o poder da fala. O segundo, "A Eficácia Simbólica", busca mostrar a eficácia da magia, mas, como o anterior, serviu também para fortalecer a convicção que se vinha desenvolvendo em mim de que a fala é um

instrumento extremamente poderoso.

Outro pensador da mente humana, agora um lingüista, Roman Jakobson (local citado), faz um pequeno estudo de um "slogan" político para demonstrar elementos de poética, mas também um estudo como este pode chamar nossa atenção para o poder da fala, inclusive com o aumento de sua eficácia pelo uso poético da fala.

"O slogan político "I like Ike" (ai laic aic, eu gosto de Ike), suscintamente estruturado, consiste em três monossílabos e apresenta três ditongos /ai/, cada um dos quais é seguido simetricamente de um fonema consonantal

/..l.k..k/. O arranjo das três palavras mostra uma variação: não há nenhum fonema consonantal na primeira palavra, há dois à volta do ditongo, na segunda, e uma consoante final na terceira. Um núcleo dominante similar /ai/ foi observado por Hymes em alguns sonetos de Keats. Ambas terminações da fórmula trissilábica /I like / Ike rimam entre si e a segunda das duas palavras que rimam está incluída inteira na primeira (rima em eco), /laic/-/aic/, imagem paranomástica(*) de um sentimento que envolve totalmente o seu objeto. Ambas terminações formam uma aliteração, e a primeira das duas palavras aliterantes, uma imagem paranomástica do sujeito amante envolvido pelo objeto amado. A função poética, secundária deste chamariz eleitoral reforça-lhe a impressividade e a eficácia."

Um apontamento que tributo a Isaías Melsohn: O "I" (eu) e o Ike estão envolvidos dentro da primeira palavra que rima, que é nada mais nada menos que "like", que é gostar e aí inclui não só o sentimento no seu objeto como também inclui o sentimento do sujeito gostante, isto é, inclui sujeito gostante e objeto gostado dentro do próprio gostar.

Faço, por meu turno, um outro acréscimo, já que não vi este assinalamento em nenhum lugar. "Like" significa como, igual, semelhante, idêntico. O "slogan" então, não só inclui o eu e o "Ike" no gostar como também os identifica, cria uma identidade entre "I" (eu) e "Ike", os inclui numa mesma identidade, numa mesma personalidade. Eu e "Ike" somos, portanto, um único, incluídos que estamos dentro do "igual".

E aí está porque este "slogan" inverteu os

resultados até então desfavoráveis a Ike e como o poder da fala impõe-se ao sujeito, sem que ele possa libertar-se dele e, assim como o escravo ou o louco não podem dar-se conta de que estão submetidos ao senhor e à loucura, o colono ou colonizado não pode, também, dar-se conta de que fala pela matriz como colonizado que é, pois fala a língua da metrópole.

Falta-me ainda recorrer ao anunciado relato de um colega sobre uma experiência analítica que mostra a função estruturadora da fala de onde, aliás, ela extrai todo seu poder. Fosse mais amplo meu espaço e mais extensas minhas pretensões que não tratar apenas do poder da fala e estaria, como veremos, aberto um novo veio para explorarmos a formação dos sintomas e seu desfazimento, mas, como pretendo concentrar-me exclusivamente no problema do poder da fala e de como a linguagem alcança tal poder, utilizar-me-ei deste relato tão somente para acrescentar mostras deste poder.

O relato me foi feito há muitos anos atrás pelo colega e amigo Luciano Marcondes Godoy, exatamente quando conversávamos sobre o problema da fala e, para enriquecer este texto, pedi a ele que refizesse, por escrito, aquele relato. Ele o fez e, deste escrito, faço um resumo.

"Estava entrando em casa ontem à noite com uma vaga sensação desagradável e indigesta, vindo da reunião com a fulana. Quando olhei para o teto vi que o alçapão estava destrancado. Comecei a pensar que poderia ser um acesso fácil para um ladrão, fui até o quarto e, quando voltei, achei que o alçapão já tinha sido mexido. Portanto, um ladrão realmente estava invadindo minha casa. Comecei a ficar intensamente angustiado e ouvi o apito do guarda noturno. Corri ao seu encontro para contar o que estava acontecendo e fomos verificar, no forro, subindo pelo alçapão, se havia algum ladrão, ele com sua arma na mão." (Foi por isto que afirmei acima ser melhor uma organização qualquer, mesmo que desagradável, que nenhuma organização.) "Nada encontramos e conversamos sobre a possibilidade de avisar a polícia, logo desistimos, mas continuamos a procura, agora, examinando o telhado e, de novo, nada encontramos. O guarda noturno foi-se, eu fiquei ainda com aquele estado de angústia que já havia notado antes mesmo de ter visto o alçapão

destravado, embora a esta altura já me sentisse mais aliviado. Comecei então a perguntar-me sobre o que e o como isto estava acontecendo. Estas perguntas faziam sentido porque era frequente chegar alta noite em casa e nunca me ocorrera tal sensação de medo nem nunca minha casa havia sido assaltada. Lembrei-me então do sentimento desagradável de minha chegada e se tudo o que estava acontecendo não poderia ser uma evolução desse mal estar e continuava a tranquilizar-me. Logo comecei a dar-me conta de que me sentira roubado pelo fato de ter tido de pagar uma quantia que achei indevida na reunião da qual vinha. Neste momento toda a parafernália descrita evaporou-se. A ansiedade, e isto é o mais notável, desapareceu de vez e a sensação de alívio foi total. Já então eu poderia, se assim quisesse, dormir no telhado de minha casa."

São conclusões suas que faço minhas "Creio que houve uma progressão do vago, indefinido, desconforto indigesto, para um arranjo esquizoparanóide e deste para o nível mais sofisticado da linguagem discursiva e libertadora." E acrescento indigesto porque indizível e que começa a tornar-se digerível enquanto vai-se tornando uma organização dizível, embora desagradável, mas já uma organização ainda que esquizoparanóide.

Podemos dizer que, no primeiro momento, o desconforto indigesto, havia uma desorganização psicótica em busca de uma ordem. A primeira ordem que se propõe já prenuncia o conteúdo: o roubo que, mais tarde, assumiria a ordem final, "estar sendo roubado numa reunião". Como entretanto em todos nós já há uma mediação pela linguagem, a consciência expressiva pura de Cassirer⁽⁶⁾ ou a experiência esquizoparanóide de Klein⁽¹¹⁾ não podem ser observadas de forma pura, pois desde o primeiro momento ocorre uma interferência da linguagem ordenadora. Por isto o relato acima torna-se ligeiramente diferente do caçador de Cassirer⁽⁵⁾ relato no qual o estado de paralisação caracterizava a perda da fala e, aí sim, podemos chamar expressiva pura ou esquizoparanóide.

Este relato, como o do caçador, indica o caminho para a formação de sintoma e seu desfazimento, como assinalei antes, mas, também como afirmei na mesma ocasião, este não é o espaço que eu

escolho para discutir este tema, escolho-o apenas para apontá-lo.

A Visão Telescópica.

"Afinal de contas, ela [a palavra] é um instrumento poderoso; é o meio pelo qual transmitimos nossos sentimentos a outros, nosso método de influenciar outras pessoas." Freud, S. (1926).⁽¹⁰⁾

Este tópico poderia chamar-se também "A Divisão das Linguagens" ou "A Guerra das Linguagens", copiando Barthes, ou ainda "O Discurso Competente", copiando Chauí, chamo-o "A Visão Telescópica".

Na visão telescópica penso poder unir vieses muito importantes de uma compreensão da fala. Tal união foi fundamental para ajudar-me a compreender como a divisão da língua, que se inicia sempre como uma guerra entre o poder e uma linguagem, desemboca na guerra entre as várias linguagens constituídas, as quais, no movimento que cada uma delas faz em arvorar-se o único lugar de onde se pode falar ou tornando-se este lugar por cooptação do poder, buscam sempre tornar-se o discurso competente.

À primeira incursão do meu contraponto.

Em 1952, Winnicott^(*) escreve uma carta a Melanie Klein na qual previne-a de que não se utilizasse daquele linguajar que estava usando porque ela corria o risco de que idéias tão importantes pudessem vir a ser relegadas ao esquecimento.

Esta carta de Winnicott, analisada tantos anos depois, permite-nos depreender como, um analista da Sociedade Britânica de Psicanálise, submerso na linguagem do senso comum daquela Sociedade, não podia dar-se conta de que estava dominado e de que, dominado, recebia

5. - Cassirer, E. - "Lenguaje y Mito. Sobre el Problema de los Nombres de los Dioses". in "Essencia e Efecto del

6. - "Filosofia de las Formas Simbólicas" México: Fondo de Cultura Económica. Vol III p. 76. 1972.

10. - "A Questão da Análise Leiga" in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. São Paulo: Imago Editora, 1969, p. 25.

11. - Klein, M. - "Algumas Observações Teóricas sobre a Vida Emocional do Bebê" in "Os Progressos da Psicanálise." Melanie Klein, Paula Heimann, Susan Isaacs, Joan Riviere. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969, p. 216.

uma analista alemã. Esta analista trazia idéias que estavam, pela imersão de Winnicott à linguagem de sua Sociedade, apartadas das idéias correntes naquela instituição. Assim deveria mesmo alertar a colega criadora e "porta-voz" desta nova linguagem. Devia mesmo alertá-la para que fizesse o discurso estabelecido, o discurso da Sociedade Britânica e não qualquer outro; enfim, que trouxesse a idéia nova, mas já submetida ao estabelecido, ao "status quo", e que, pela submissão à sua linguagem, não inovasse em terminologia e, assim, não inovando na terminologia, estrangulasse seus conceitos nos nomes disponíveis, ou que, pelo menos só o fizesse ela mesma não "permitindo" que seus seguidores o fizessem sem se certificar antes que tenham apreendido adequadamente os conceitos.

Esta imersão de Winnicott na linguagem da doxa de sua sociedade ocorre exatamente como ocorre a todos nós, de tal forma que ninguém pode ser suficientemente capaz de escapar a tal submissão quando está participando, ativamente, de qualquer agrupamento humano, qualquer que seja ele, isto detém uma inexorabilidade. Se não está claro até agora, este é o momento de reiterar, mesmo que repetitivamente: o que digo ao longo de todo este texto aplica-se inexoravelmente a todo psicanalista, a todo ser humano encarnado, só não se aplica aos deuses. Mesmo Winnicott, que se utilizava de uma linguagem peculiar, se espanta com certas características da fala kleiniana.

Os estudos de sociolinguística e de antropologia ligados à linguagem são estudos muito recentes. Por isto mesmo a sociolinguística ainda não se dedicou explicitamente ao estudo daquilo que Roland Barthes⁽²⁾ publicou em 1973 na França, um estudo onde se deteve para mostrar como vão se organizando dentro de uma mesma língua várias linguagens que são características de grupos sociais: proletariado e burguesia, grupos de prisões, grupos religiosos, dentro dos grupos religiosos - linguagens de paróquias -, grupos adolescentes, grupos profissionais etc. Não estou me referindo às gírias tão peculiares aos adolescentes nem aos termos técnicos dos grupos profissionais que, geralmente, mas nem sempre, são estrangeirismos. Estou-me referindo, a uma linguagem que é peculiar aos grupos, independentemente das gírias, dos termos

técnicos e dos estrangeirismos. Com estas ressalvas, refiro-me ao que corriqueiramente chamamos psicanalês, economês, computês etc, desta linguagem fazem parte as gírias, os termos técnicos, os estrangeirismos e até mesmo as siglas.^(*)

Todos nós já passamos pela experiência de tentar conversar com pessoas de certos grupos ou de certos serviços e enfrentar alguma dificuldade, às vezes intransponível, pelo uso de uma linguagem peculiar. Isto nos acontece a todo momento no nosso ambiente profissional, só que raramente nos damos conta, uma vez que estamos imersos nesta linguagem, assim como Winnicott estava imerso na linguagem de sua Sociedade de Psicanálise e não podia dar-se conta disto, e utilizamo-nos dela como se fosse a linguagem universal, a língua. Mas, um exemplo singelo pode ajudar a deixar mais claro o que quero transmitir - um anúncio de jornal em que se lê: "Carro OK". Tal anúncio poderia ser confundido com um anglicismo, mas, como estamos no mundo do mercado de automóveis, não o é, e quer dizer "sem quilometragem" que, por sua vez, se usasse a linguagem universal, seria "0 km" e não "OK".

Este é um exemplo singelo de uma linguagem, que se dá ao lado da doxa, mas, repetindo pergunta e resposta que Barthes propõe no livro citado: o que é a doxa? Doxa é a linguagem do senso comum, então aquela linguagem não universal é uma linguagem que está ao lado da doxa, da linguagem do senso comum e, portanto, é uma linguagem "paradoxal", é uma linguagem que está ao lado da linguagem do poder porque o poder se utiliza, para comunicar-se, exatamente da linguagem do senso comum. Estas áreas se organizam como linguagens que não são a linguagem do poder. No exemplo que escolhi encontramos uma simples linguagem paradoxal. Em outros, como veremos, as linguagens chegam para instaurar a guerra.

Barthes chama a isto a divisão das linguagens e dá, à linguagem do poder, o nome de linguagem encrática e, à linguagem que está paralela ao poder, dá o nome de linguagem acrática.

Ele mostra também como a linguagem acrática é não só uma linguagem que está à margem do

2. - Barthes, R. - "A Divisão das Linguagens" e "A Guerra das Linguagens" In "O Rumor da Língua". São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988, p. 110 e 123.

poder como também é uma linguagem contra o poder, mas só a princípio.

Foi assim com o Marxismo, é assim com a Psicanálise. A princípio linguagens tipicamente acráticas, paradoxais, mas que hoje já são uma linguagem do poder.

Mas como isto se dá? Como se dá esta transfiguração de uma linguagem que é contrária ao poder em uma linguagem que é a linguagem do poder passando, então, a exercer sobre novas linguagens que possam surgir o mesmo cerceamento a que se viu submetida?

O poder, a princípio, tenta destruir a nova linguagem e, assim, destruir qualquer nova verdade que possa estar tentando veicular, pois qualquer idéia nova é uma idéia que vem para "espalhar a peste", para desestabelecer o estabelecido, e, portanto, é uma linguagem contra o poder estabelecido, qualquer que seja ele, e vem para guerrear com ele.

O Marquês de Pombal tentava destruir a verdade de que não só São Paulo e a Província Cisplatina poderiam separar-se, mas muitas outras províncias poderiam querer buscar o mesmo caminho. Ele então, percebendo que a Província Cisplatina já falava outra língua e estava irremediavelmente perdida, liberta-a, mas a de São Paulo ainda poderia ver-se submetida pelo poder da matriz e o Marquês inicia esta submissão pela obrigatoriedade do uso da língua mãe.

Esta é a primeira tentativa do poder. Submeter a idéia nova. E é, geralmente, uma tentativa vitoriosa. Se, entretanto, a verdade veiculada pela nova linguagem é mais poderosa que o poder constituído, ou, se este se dá conta de que está perdendo o controle para ela, nada melhor que adotá-la para si, dando-lhe lugar dentro da estrutura do poder, transformando-a, assim, na linguagem do poder.

Aqui, de novo, meu contraponto.

A carta de Winnicott era uma fala claramente de intenção não conhecida pelo autor (de intencionalidade inconsciente, para os que preferem assim), mas uma fala que procurava trazer Melanie Klein e os kleinianos para a doxa. A fala de Winnicott, entretanto, não se mostrou uma fala poderosa, ninguém parece ter dado muita importância a ela, Melanie Klein, muito

menos.

A fala Kleiniana, sim, mostrou-se forte e poderosa, exatamente por ser uma fala prenhe de verdade, de observações cuidadosas e pertinentes sobre o funcionamento mental, e cujos conceitos tendiam a revolucionar a psicanálise pondo em risco o poder estabelecido. Passou então pela vicissitude de, não podendo ser destruída pelo "status quo", nem tendo sido excluída de forma a ter de estabelecer-se fora dele, coisa que aliás nem mesmo desejava, pois seu desejo era ser reconhecida, passou, repito, pela vicissitude de ter sido englobada pelo poder e transformada em sua fala.

Vicissitude infeliz, é verdade.

Isto porque entre a doxa e a fala paradoxal estabelece-se, numa certa altura dos acontecimentos, um conluio que acaba por implicar em que a fala paradoxal deixe de sê-lo, passando a ocupar o lugar da doxa, em conluio com ela, passando agora a ser ela mesma ou a fala do poder ou sua cúmplice. Não se sabe, é verdade, a custa de que concessões de cada lado.

De dentro de uma linguagem que já fora paradoxal, a linguagem psicanalítica (um socioleto na terminologia lingüística), surgia outra linguagem paradoxal que se aproximava, rompendo conceitos e verdades estabelecidos. Winnicott tinha de pedir a ela: fale, mas fale segundo os nossos hábitos.

Há, então, uma primeira tentativa de abortar a nova fala, para depois, se o abortamento se mostra difícil, se a nidação já se estabeleceu, ou ainda, se a eliminação da nova fala ameaça com a cizânia, adotá-la. A ordem geral é algo mais ou menos assim: use a nossa linguagem, a linguagem comum, porque assim as rupturas que se propõem serão minimizadas em sua intensidade e efeitos uma vez que, repito, os novos conceitos ficarão estrangulados nos termos e nomes antigos. Se o poder não consegue nem isto, paciência, irmanemo-nos todos, identifiquemo-nos com o agressor.

Muitos conceitos exigem novos termos para veicular novos sentidos e a tentativa de trazer a fala para o ambiente da fala estabelecida é, sem dúvida, uma tentativa de impedir a mudança do estabelecido.

Com Lacan as coisas foram ligeiramente diferentes. As tentativas iniciais de cooptação seguiram-se ameaças e, finalmente, a exclusão, por falar uma fala paradoxal que se recusava a ser assimilada pela doxa. A fala entretanto era também poderosa e manteve-se, criando doxa própria.⁽⁹⁾

Até aqui procurei utilizar-me dos estudos de Roland Barthes para mostrar que ocorre uma divisão da língua em linguagens, uma, enclática, que é a linguagem do poder ou do senso comum, e outra, acrática, que engloba as linguagens que estão fora do senso comum, fora da doxa, as linguagens paradoxais e como, entre elas se instaura uma guerra; enfim, como esta divisão se presta a separar duas áreas de influência: uma que é a do poder e outra que, sendo apartada dele, está em verdade contra o poder, em guerra com ele, desde o início.

Utilizei ainda, para mostrar isto, meu contraponto que, o leitor lembre-se bem, é a carta de Winnicott a Melanie Klein.

Esbocei também uma demonstração de como uma fala, que a princípio se apresenta como paradoxal, vai progressivamente assumindo "ares" de doxa e impõe-se sobre novas falas, da mesma forma que a doxa se impõe sobre ela.

E a guerra continua.

A guerra continua sempre, entretanto, contra novas idéias ("idéia nova") que surjam para romper o que está estabelecido.

Interessa-me agora examinar mais detalhadamente como a linguagem do poder se estrutura e se transforma em discurso competente exclusivamente porque é a linguagem corrente e como os discursos que não estão de acordo com a linguagem corrente passam a ser os discursos marginais e, mais importante, incompetentes. E isto se passa assim se não forem cooptados ou, mesmo não sendo cooptados, se conseguirem sobreviver sem "constituir doxa própria", porque, se "constituírem doxa própria", passam a exercer o poder em outra subdivisão das linguagens.

O discurso competente é aquele que, originário de uma fala poderosa, nasce dentro do poder ou é cooptado por ele e se transforma no único palco de onde se pode falar e de onde se pode contestar. O discurso competente é aquele que, pela sua

própria natureza e estrutura, diz qual é a platéia à qual compete falar, de onde compete falar, quem é competente para falar e, finalmente, qual é o único lugar de onde se pode contestar, portanto, não adianta contestar o discurso competente de fora dele, há que se tornar um discurso competente para poder, então, contestar o que, nesta altura, já se torna incontestável. O círculo vicioso não sou eu quem cria.

Foi Marilena Chauí, no texto já citado, quem me pôs em contacto com esta forma de abordar a fala - a via do discurso competente, em 1981. A constituição do discurso competente é o aprimoramento final do uso do poder da fala e da divisão das falas para que a fala se torne a fala do poder e comece a delimitar áreas. Áreas de competência e incompetência, de saber e não saber, de verdade e não verdade, de quem é e de quem não é detentor do saber e, portanto, está ou não está autorizado a falar.

À Vista Desarmada.

"Sem dúvidas 'no começo foi a ação' e a palavra veio depois; em certas circunstâncias ela significou um progresso da civilização quando os atos foram amaciados em palavras." Freud, S. (1926).⁽¹⁰⁾

Depois de ter examinado como, no mundo organizacional da sociedade num sentido amplo, a língua é dividida em linguagens que, partindo do viés do qual se vê a linguagem do senso comum como sendo a linguagem do poder, a linguagem da qual o poder se serve para, primeiro comunicar-se e, depois, para delimitar áreas inacessíveis às forças externas ao poder, estabelecendo que sua linguagem é paradoxal, vou tentar restringir meu campo de visão concentrando-me, a partir de agora, exclusivamente num segmento da sociedade, o segmento psicanalítico, para tentar examinar como, dentro deste segmento, à semelhança da sociedade como um todo, o mesmo fato se repete.

10.- "A Questão da Análise Leiga" in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. São Paulo: Imago Editora, 1969, p. 25.

Em outro lugar⁽¹⁾ segui os lingüistas e chamei socioleto psicanalítico à linguagem que usamos para falar entre nós os psicanalistas, chamei psicanaletto à linguagem que falamos os psicanalistas, dentro de cada uma de nossas escolas ou grupos, ou seja lá como queiramos chamar os aglomerados que se formam entre nós por pensarmos de forma semelhante e chamei psicoleto à linguagem que conseguimos estabelecer entre cada um de nós e cada um de nossos pacientes.

Foi Lacan quem primeiro denunciou o poder da fala dentro da psicanálise, apontando para a situação criada pelo paciente quando constitui seu analista como sujeito suposto saber. Denunciando o sujeito suposto saber, denuncia a submissão do paciente a seu analista ele, paciente, que cria o analista suposto saber. Lacan, entretanto, não parece ter-se dado conta de que o analista, percebendo ou não ter sido criado sujeito suposto saber, ocupa imediatamente este lugar para, a partir dele, exercer sobre seu analisando o poder recém adquirido.

Denunciando isto, faz uma revolução dentro da psicanálise, mas o faz com uma linguagem muito peculiar que, propondo-se como um psicanaletto assume, portanto, as características de uma linguagem paradoxal que se opõe ao poder. Na medida em que o poder não consegue cooptar sua fala, vê-se expulso com todos aqueles que não se dispuseram a abdicar das idéias do mestre. Somente abdicando do psicanaletto poderiam permanecer dentro do socioleto psicanalítico. Assim, puderam permanecer aqueles que se submeteram à doxa.

Dando-se conta, entretanto, de que suas idéias são "escolastizadas" e, como brinquei acima, "formam doxa própria" ele, que tanto combateu esta estratificação da fala, não pode submeter-se e continua combatendo. Quando, finalmente, vê que não seria possível impedir que sua própria fala se tornasse a fala do poder, agora reorganizado em nova "instituição", fecha sua escola... e morre. Era a única coisa que lhe restava fazer.

O que se dá a seguir é o mesmo que já se deu com muitas outras correntes de pensamento das ciências da cultura dentro e fora da psicanálise. Os discípulos são muito mais arraigados à

"verdade" da fala escolástica que os mestres. Os mestres insistem em que os discípulos não digam que isto ou aquilo que os mestres disseram é a verdade. Mas os discípulos sempre respondem afirmando: o mestre falou... então é. E, o pior, enquanto o mestre está vivo, sempre se pode chamá-lo para dizer qual é a verdade. Ele, como sábio que geralmente é, não o faz. Mas, morto o mestre, cada discípulo torna-se seu legítimo intérprete.

Todos conhecem certa afirmação atribuída a Freud que não sei se factual ou não: "você são mais freudianos que eu mesmo".

Bion faz coisa muito parecida.

Quem já teve os primeiros contatos com "O Aprender com a Experiência"⁽³⁾ vai ver que Bion diz que aquele livro é para ser lido uma única vez. Por que isto? Porque se você puder, deve aprender com aquela experiência e evoluir para outra. Além disto, é para não fazer daquele saber o saber estabelecido, o saber competente.

Seus discípulos são como todos os discípulos e então, como sempre, Bion falou, é e lêem e relêem até à decoraçãõ.

Aí então estrutura-se uma linguagem que, juntamente com a lacaniana, forma a dupla de linguagens mais herméticas da psicanálise. Os dois psicanaletos mais característicos e mais fechados.

Os próprios mestres, Bion e Lacan, pela forma de escrever e pelas propostas que fazem, facilitam um tanto este hermetismo, facilitam a criação destes fechamentos, mas lembrem-se de que uma pequena parte deste hermetismo vem da necessidade de veicular novos conceitos sem se deixar aprisionar pelo senso comum, acrescido da dificuldade própria de se exprimirem novas concepções.

O problema, então, não é o hermetismo dos mestres, mas o uso que será feito do hermetismo dos mestres pelos seus discípulos, transformando-os em psicanaletos, e isto

1. - Baptista, M.L.A. - "A Reconstrução como Recordação Encobridora de Matizes Transferenciais do Presente". Rev. Bras. Psicanálise. 25 (2): 425/34, 1991.

3. - Bion, W. R. - "O Aprender com a Experiência" in "Os Elementos da Psicanálise". Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966. p. 11.

independe do hermetismo original. Como psicanaleto, aqui e em todas as vezes que me utilizar deste e outros termos semelhantes, estou referindo-me a todos os psicanaletos, o kleiniano, o lacaniano, o bioniano, o kohutiano e ao meu que é possível que esteja criando e, se assim ocorrer, estarei tão imerso nele que não me será possível perceber.

Os psicanaletos vão servir então para delimitar escolas, ou áreas de saber, ou áreas de verdade ou, ainda, quem pode ostentar ou quem não pode ostentar um simples título profissional, ou seja, quem é e quem não é psicanalista.

O psicanaleto vai definir também quem entende até mesmo a teoria da escola e quem não a entende. Como se entender tal ou qual conceito teórico dependesse de outra coisa que não fosse apenas e tão somente uma leitura atenta, cuidadosa e inteligente. Joan Riviere diz isto de forma contundente e exemplar. Exemplar no sentido de que exemplifica à perfeição as características do que venho tentando mostrar: "Portanto, não estou esperando convencer imediatamente o leitor sobre^(*) a validade de nossas concepções e nossas conclusões, pois, somente a experiência analítica, de acordo com as mesmas diretrizes, poderá fazê-lo."⁽¹³⁾

Então, quem não se submeteu a uma análise com um kleiniano, não entende as teorias propostas por Melanie Klein e seus seguidores, o mesmo se dá com os lacanianos, os bionianos e todo e qualquer outro analista erigido por seus discípulos em "magister dixit" de determinada escola.

Nenhum psicanalista kleiniano (ou lacaniano, ou bioniano, porque a afirmativa de Joan Riviere aplicase a toda e qualquer escola)... Ora, melhor mesmo seria dizer nenhum psicanalista pretende convencer seu leitor, ou paciente, imediatamente, somente pretende fazê-lo depois de convencê-lo a submeter-se a seu divã ou a um divã kleiniano, ou lacaniano, ou bioniano, ou simplesmente a um divã, onde o leitor ver-se-á, procustianamente, transformado no que Fábio Herrmann⁽⁷⁾ definiu tão bem como o "paciente criado".

O paciente criado constrói-se mais ou menos como vou tentar apresentar a seguir.

Estabeleça-se uma teoria psicanalítica ou recorra-se a uma teoria aceita e consagrada. Não importa se boa ou má, extensa ou circunscrita, abrangente ou focal, importa que seja uma teoria psicanalítica. A seguir, comece-se a investigar o paciente segundo aquela teoria. Dentro de pouco tempo, pela organização do que chamei um psicoletto, paciente e analista começam a entender-se segundo aquela teoria. Logo o paciente, muito provavelmente outro psicanalista ou alguém que, de tão bem convencido, passa a desejar exercer a mesma atividade, estará pronto para "entender a teoria criada por seu analista ou à qual ele recorreu". Sairá, então, pelo mundo disseminando a mesmice, mesma teoria.

Os psicanaletos vão então sendo transformados nos múltiplos discursos competentes que vão delimitar as áreas dos incluídos e dos excluídos. Os primeiros podem falar e devem se ouvidos, os segundo estão indexados e, portanto, não têm o direito de falar, nem podem ser ouvidos, nem lidos, nem podem ser levados a sério. Contra eles se levanta uma barreira pequena, apenas não são psicanalistas, podem ser filósofos, lingüistas, sociólogos, brilhantes até, mas não psicanalistas. Esta barreira vem sendo apontada entre nós por Isaías Melsohn quanto à dificuldade de muitos analistas aceitarem, como fonte enriquecedora de sua reflexão sobre a mente humana, dados oriundos de outras áreas do conhecimento que não a própria psicanálise, como se esta pudesse ser uma ciência sobre o homem desligada de tudo o mais que se pensa no universo humano. Este alerta parece ser o mesmo que ameaçou Bion, ou pelo menos o constrangiu, quando, em "O Aprender com a Experiência", assinalou as dificuldades que poderiam decorrer de uma crítica excessiva quanto ao uso que faz de certos termos, pois já aí o estabelecido recorre a qualquer estratégia para impedir o surgimento da idéia nova.

Lacan, com toda sua escola, passou por isto

7. - Herrmann, F. - "Desejo, Representação e a Clínica da Crença." in "Clínica Psicanalítica: A Arte da Interpretação." São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p. 123

13. - Riviere, J. - "Sobre a Gênese do Conflito Psíquico nos Primórdios da Infância." in "Os Progressos da Psicanálise." Melanie Klein, Paula Heimann, Susan Isaacs, Joan Riviere. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969, p. 47..

quando tentou usar uma linguagem paradoxal dentro da psicanálise. Que faz a doxa? Depois de tentar cooptar e não conseguir, expulsa. Os lacanianos escolásticos de hoje repetem a mesma coisa com os não lacanianos - não fazem psicanálise -, por exemplo, porque interpretam.

Melanie Klein passou por situação semelhante, mas a ela a doxa conseguiu cooptar e hoje, em muitas áreas do pensamento psicanalítico, sua fala está transformada em psicanaletos determinador de áreas de inclusão e exclusão.

Bion não viveu a ameaça de ser expulso, mas mudou-se para os Estados Unidos. Mudou-se... para a Califórnia. O que não teria nada de mais se não ouvíssemos um psicanalista inglês referir-se a ele assim: "O Dr. Bion, depois que se mudou para a Califórnia..." E todos sabemos o que a Califórnia significa para um inglês. O tom é franca, ostensiva e agressivamente depreciativo. Isto equipara-se a uma expulsão, se não for pior.

Apenas a título de exemplo, um analista dos mais conceituados e respeitados entre seus colegas faz, numa Sociedade de Psicanálise, uma conferência que se intitula: "A Psicanálise Clássica e a Verdadeira Psicanálise". Não vou me estender sobre o conteúdo da conferência mesmo porque posso testemunhar que foi uma excelente conferência. Não vou me estender sobre o conteúdo porque o que interessa é muito mais simples e está na escolha, talvez infeliz, mas exemplar, do próprio título da conferência, um título que delimita uma área dentro da qual e só dentro da qual a psicanálise é verdadeira, e uma área fora, na qual qualquer grupo, corrente ou escola que pretenda ser psicanalítico vê perdido seu estatuto de verdade.

Cada um de nós mesmos, quando nos defrontamos com uma linguagem nova nos vemos movidos, num primeiro momento, por forças que nos impulsionam a excluir essa nova linguagem. Qual psicanalista não passou por um ligeiro movimento de aversão, de exclusão no seu primeiro contacto com a obra kleiniana?

A relação que se estabelece entre as áreas delimitadas pelos psicanaletos e os próprios psicanaletos é uma relação curiosa em que criador e criatura se alternam de tal forma que o psicanaletos delimita a área e esta estrutura o

psicanaletos. Se a isto somarmos a pretensa necessidade de que, aqueles que pretendam entender uma teoria se analisem com um analista daquele psicanaletos, teremos as condições necessárias e suficientes para o estabelecimento de uma ordem religiosa iniciática cuja iniciação passa pelo divã escolástico.

Vivo o mestre, ele terá o poder de dizer quem o entendeu e quem não o entendeu. Morto o mestre começam as inúmeras dissensões e cisões, porque muitos serão aqueles que tentarão tomar o lugar do mestre e muitos serão aqueles que nomearão este ou aquele outro como quem tem o direito de falar pelo mestre. Muitos afirmarão mesmo a necessidade da morte totêmica do mestre. Mas uma afirmação na qual está claramente implícita a evidência de que quem prega a morte do mestre o faz porque está convicto de que será seu o lugar vago. Já que foi ele o único que "comeu, no banquete totêmico, o coração do mestre", o âmago de sua teoria.

Caminha-se assim para a divisão cada vez maior dos agrupamentos, porque, num determinado momento, muitos estarão falando o mesmo psicanaletos, mas cada um dizendo coisas diferentes com as mesmas palavras. Vai-se ouvir de um ou outro colega "fulano não entendeu bem o que é 'buraco', 'alucinação', 'posição' ou, mais recentemente, 'ruptura de campo' e aqui, perdoe-me o meu amigo Fábio Herrmann, alguns perguntarão com discreta suspicácia e profunda sutileza, mas o Fábio escrevia ruptura ou rutura, porque faz uma enorme diferença.

Dentro da psicanálise ainda, mas também em qualquer outro ramo das ciências da cultura, sendo que em cada uma delas desenvolve-se uma linguagem própria que poderia ter seu próprio nome, os psicanaletos servem para enclausurar o saber. O que está dentro do psicanaletos é o saber, o que não está, é o não saber.

De novo, Lacan denunciou isto, Bion denunciou isto, enfim, todos os grandes mestres denunciaram isto. Mas o que fazer com este grupo tão desejado e tão deformador, o grupo dos prosélitos? Quem não deseja um seguidor? Com os discípulos nada se pode fazer, exatamente porque da posse do saber vai depender o próprio enclausuramento do saber e, do enclausuramento do saber vai depender o domínio do poder e,

como discípulos ou seguidores, não podem prescindir de um "index" que lhes garanta o estatuto daqueles que falam com Deus.

A Visão Microscópica.

"As palavras podem fazer um bem indizível e causar terríveis feridas". Freud, S. (1926).⁽¹⁰⁾.

Sob este título quero fazer uma tentativa de aproximação com uma estratificação ainda maior de minha reflexão ou, para manter a imagem óptica, com lentes de aproximação mais poderosas, do nível das lentes de um microscópio. Pretendo examinar, exclusivamente sob o ângulo do exercício do poder, a forma como a fala, ou a língua dividida em linguagens, pode ser utilizada para que se exercite o poder de uma pessoa sobre outra.

Lembro-os de novo, como minha prática é psicanalítica, vou utilizar para isto a relação analítica, mas repito, tentando isolar apenas os aspectos que digam respeito ao exercício do poder de um, geralmente o psicanalista, sobre o outro, geralmente o paciente. Embora isto possa parecer um reducionismo, não o é, uma vez que não pretendo tirar disto nenhuma conclusão generalizadora nem de longo alcance, Sou levado a repetir um pouco, que me desculpe o leitor já cansado e que, tendo chegado até aqui, pode desiludir-se e xingar-me. Mas foi para repetir e nada dizer sobre o mais importante? Estou exposto a isto e aceito o xingamento. Braz Cubas expôs-se ao mesmo risco, mas, é verdade, depois de morto, pois só o fez em suas memórias póstumas.

Mas, que não se canse o leitor ainda mais, já que é tão pouco, vamos logo a isto.

Já me referi ao sujeito suposto saber, denúncia inteligente de um arguto estudioso da psicanálise sob o viés do discurso humano estruturado. Já falei do paciente criado, alerta arguto de um pensador inteligente da psicanálise. Já me referi à idéia nova e à resistência a ela pelo estabelecido, visão profunda de um arguto e inteligente pensador daquilo que escapou a Freud, sabe-se lá porque, pensar a origem, a formação e o desenvolvimento do pensamento. Já me referi também à dificuldade encontrada pelos psicanalistas de um modo geral em se abeberarem

em outras fontes do saber humano, mostra da argúcia e inteligência de um original pensador brasileiro da psicanálise. Já transcrevi uma afirmativa da necessidade de que um analista que queira entender as conclusões e conceitos de outro deva submeter-se ao divã do primeiro ou de um de seus seguidores para ser procustianamente lavrado, de forma que assim, e só assim, possa transformar-se em lava de boa cepa...

Acólito infeliz!

Curiosamente só existem duas profissões que exigem que o pretendente a seu exercício primeiro se submeta a ela para depois propor-se a exercê-la: a psicanálise e a feitiçaria, segundo Levy-Strauss, no local citado, principalmente "O Feiticeiro e sua Magia". Alguns alegam que também algumas religiões o fazem. Mas há tão grandes diferenças entre as religiões e a feitiçaria? Psicanaliticamente penso que não.

Depois de apontar para tantas formas do uso do poder da fala ainda restará alguma outra forma de exercício deste poder que não tenha sido apontada?

Não, acho que não resta nenhuma.

Mas resta-me focar minhas lentes no psicoletto, que, como o leitor atento já está exausto de saber, é a fala que conseguimos criar para mantermos uma conversação razoável com nossos analisandos.

Quando me refiro a este linguajar peculiar que cada um de nós encontra a duras penas para fazer-se entender e entender, ele mesmo, o que seu paciente procura veicular através das pobres palavras que tanto cerceam a comunicação humana, não vai mais importar se falamos com cada um dos pacientes qualquer dos psicanaletos, se privilegiamos a inveja ou o pensamento, a identidade e suas vicissitudes ou a consciência e suas formas de organização, o corte ou a sexualidade, a mãe suficientemente boa ou a veracidade do "self", porque, se nossa fala for fiel à emoção vivida pelo paciente, quaisquer destes termos, originariamente vazios de sentido, emprenham-se de sentido e então, e só então, temos a oportunidade de transformar qualquer psicanaleto, transmutado num psicoletto, num instrumento que nos permita, usando-o junto com nossos analisandos, buscar o progresso e o

desenvolvimento emocional da dupla.

A constituição deste psicoleto é, a um tempo o momento a partir do qual pode emergir qualquer ganho para a dupla na busca permanente de progresso, desenvolvimento e ampliação do campo da consciência. Mas é também, a outro tempo, o ponto básico que pode dar origem a toda forma de exercício de poder entre paciente e analista, geralmente deste sobre aquele.

Se escolhemos o viés da sexualidade, freqüentemente, sem muita dificuldade, logo encontraremos nossos pacientes "transferidos" eroticamente a nós e, agora de novo, se escolhemos a análise da linha de atuação, também rapidamente veremos nossos pacientes atuando, por submissão ou desafio, eles estarão rapidamente "criados" se tivermos sido felizes em nossas escolhas. Indiscutivelmente há uma coincidência entre felicidade de escolha da teoria e a boa apreensão do paciente, mas isto não torna a teoria mais ou menos verdadeira, pois não é através da confirmação de qualquer teoria que encontraremos alguma verdade, mas sim nos momentos exatos em que cada teoria se veja inviabilizada.

Um precioso exemplo disto é a grande virada dada por Freud na teoria psicanalítica quando constata: "Quando nos vemos assim confrontados pela necessidade de postular um terceiro Ics., que

não é reprimido, temos de admitir que A CARACTERÍSTICA DE SER INCONSCIENTE COMEÇA A PERDER SIGNIFICADO PARA NÓS. Torna-se UMA QUALIDADE que pode ter muitos significados, UMA QUALIDADE DA QUAL NÃO PODEMOS FAZER, COMO ESPERARÍAMOS, A BASE DE CONCLUSÕES INEVITÁVEIS E DE LONGO ALCANCE." (Grifos meus) ⁽⁹⁾.

Talvez só exista uma forma de prevenir ou de remediar, se o mal já feito ainda for remediável, esta forma, única, é uma constatação de origem escusa e totalmente contestável (origem escusa e totalmente contestável porque a frase foi cunhada pelo Senador McCarthy no auge da perseguição às bruxas nos Estados Unidos - consta ainda que foi trazida para o Brasil no cume das disputas entre o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) e o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), por este último, evidentemente), mas de profunda veracidade: "O preço da liberdade é a eterna vigilância".

"Diante das complexidades da mente humana, o analista deve ser prudente ao empregar mesmo um método científico aceito. Sua fragilidade pode estar mais próxima da debilidade do pensar psicótico do que um exame superficial chegaria a admitir". W. R. Bion, 1962. ⁽³⁾

3. - Bion, W. R. - "O Aprender com a Experiência" in "Os Elementos da Psicanálise". Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966. p. 11.

9. - Freud, S. - "O Ego e o Id" in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XX. São Paulo: Imago Editora, 1976, p. 209.

EXPEDIENTE

Capa: Vicente Silvio Nogueira

**Secretariado e Digitação: Célia Maria Dória Frasca
Scorvo, Elizabeth de Cassia S. Ferreira e Christina
Dória Costa**

**Queremos desde já agradecer ao SEDES
SAPIENTIAE e equipe pelo zelo e dedicação a nós
dispensado, sem o qual este não seria possível.**

COMISSÃO EDITORIAL

Arthur Filhou José

Claudia Paula Leicand

Fernanda Pinto Freire

Maria Luiza Scrosoppi Persicano.

Projeto Gráfico e Diagramação: Plínio Sousa

- CPD - SEDES

